

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

MÔNICA FUMIKO IMAI

**COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA:**

Identificação e descrição da gestão

**BRASÍLIA/DF
2016**



FOLHA DE APROVAÇÃO


Coleções Museológicas da Universidade de Brasília: Identificação e Análise da Gestão.


Aluno: Mônica Fumiko Imai

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:


Marijara Souza Queiroz – Orientadora
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Mestre em Artes Visuais - UFBA


Ana Lúcia de Abreu Gomes- Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História Cultural - UnB


Andrea Fernandes Considera – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História Cultural - UnB

Brasília-DF, 09 de setembro de 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

MÔNICA FUMIKO IMAI

COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA:
Identificação e descrição da gestão

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia
apresentado à Faculdade de Ciência da Informação
como requisito à obtenção do diploma do Curso de
Graduação em Museologia.

Orientadora: Prof^a Ms. Marijara Souza Queiroz

BRASÍLIA/DF
2016

DEDICATÓRIA

DEDICO ESSE TRABALHO A DEUS

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais. Por me ensinarem os princípios de Deus, por renunciarem a tantas coisas para que eu pudesse ter melhores condições de vida, por serem meus melhores amigos, pela paciência, pelo imenso amor e por serem exemplos de vida.

Agradeço às minhas irmãs. Por serem tão lindas, amáveis, amigas e pela inspiração de perseverança e bondade.

Agradeço à Professora Marijara. Pela sugestão do tema dessa pesquisa, por ter aceitado me orientar, pela imensa paciência, por nunca demonstrar desconfiança e pelos sábios ensinamentos.

Agradeço às Professoras Ana Abreu, Andrea e Celina. Pela contribuição nesse trabalho, pelos ensinamentos e por terem aceitado compor a banca de defesa do presente trabalho.

Agradeço à professora Elizângela Carrijo. Por ter me ensinado o maravilhoso e árduo universo da pesquisa científica e também pelos conselhos.

Agradeço à Anelise Ferreira. Por sempre ser tão atenciosa e prestativa, como coordenadora do estágio e durante a entrevista dessa pesquisa.

Agradeço à Juliana Salles, César Leão, Jussara Pereira e a todos os profissionais entrevistados. Por demonstrarem imensa sinceridade e confiança, durante as entrevistas.

Agradeço aos amigos do grupo “Oriente-se”, que nos momentos mais difíceis demonstraram o significado da amizade verdadeira.

Agradeço ao meu amigo Pedro. Por sempre ser tão divertido, por contar tantas histórias e por sempre acreditar no meu potencial.

À amiga Lucimar. Pelo carinho, consolo e orações.

À pastora Sônia Regina. Pelas orações e conselhos

À minha amiga Naara. Pelas leituras, orações e dicas.

Enfim... Obrigada a todos!

RESUMO

O trabalho inicia através de uma análise da prática do Colecionismo, no qual verifica a relação entre coleções e museus universitários. Dessa forma, investiga suas respectivas origens e desenvolvimento. Posteriormente, mostra a proposta de implementação inicial dos museus, no contexto da Universidade de Brasília e o modo com que ambos estão inseridos na lógica administrativa dessa instituição. Por último, identifica as formas de gestões das coleções, de parte das instituições museológicas da Universidade de Brasília. Foi utilizada a abordagem metodológica mista. Através da listagem quantitativa das coleções e dos estudos de caso das seguintes instituições: Museu de Anatomia Humana, Museu de Geociências, Museu de Anatomia Veterinária e Casa da Cultura da América Latina.

Palavras chave: Coleções Museológicas Universitárias. Gestão de Coleções Universitárias.

Museus Universitários

ABSTRACT

The work begins by analyzing the practice of Collecting, which verifies the relation between university collections and museums. Thus, investigating their origin and development. Subsequently, shows the proposed initial implementation of the museums in the context of the University of Brasilia and the way that both are included in the administrative logic of this institution. Finally, it identifies ways of managements of collections, of the museums of the University of Brasilia. mixed methodological approach was used. Through quantitative listing of collections and case studies from the following institutions: Human Anatomy Museum Geoscience Museum Anatomy Museum of Veterinary and House of Culture of Latin America.

Keywords: Collections of Museum University. Collections Management. University.
University Museums

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAL	Casa da Cultura da América Latina
CEDOC	Centro de Documentação
CineCAL	Cinema da Casa da Cultura da América Latina
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural
CPPA	Comissão de Preservação do Patrimônio Artístico
DEA	Diretoria de Esporte, Arte e Cultura
DEX	Decanato de Extensão
FAL	Fazenda Água Limpa
FLAAC	Festival Latino-Americano de Arte e Cultura
FUB	Fundação Universidade de Brasília
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOM	Internacional Council of Museums
IDG	Instituto de Geociências
IF	Instituto de Física
LAV	Laboratório de Anatomia Veterinária
MAH	Museu de Anatomia Humana
MGeo	Museu de Geociências
MAV	Museu de Anatomia Veterinária
MHN	Museu Histórico Nacional

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PEAC	Projetos de Extensão de Ação Contínua
UMAC	University Museums and Collections
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESTRUTURA ORIGINAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	27
FIGURA 2 – EXPERIMENTOTECA.....	30
FIGURA 3 – SALA DE EXPOSIÇÃO “CORPOS TETRALÓGICOS, CORPOS BIOLÓGICOS E MONSTROS”	34
FIGURA 4 – GRÁFICO DE AVALIAÇÃO DOS VISITANTES DO MAH	36
FIGURA 5 – COLEÇÃO DE GEMAS DO MGEO.....	38
FIGURA 6 – ORGANOGRAMA DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS.....	39
FIGURA 7 – ACERVO MINERALÓGICO DO MGEO	40
FIGURA 8 - SALA DE EXPOSIÇÃO DO MAV	45
FIGURA 9 – LIVRO REGISTRO DO MAV	46
FIGURA 10 –OBJETO DO ACERVO DO MAV	47
FIGURA 11 – ORGANOGRAMA DO DECANATO DE EXTENSÃO DA UNB.....	50
FIGURA 12 – TABELA RESUMO DA GESTÃO DAS COLEÇÕES.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
METODOLOGIA	17
CAPÍTULO 1 – COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS.....	18
1.1 A Coleção	18
1.2 Definição de Coleções e Museus Universitários.....	19
1.3 Origem das coleções dos Museus Universitários	20
1.4 Os museus brasileiros.....	24
CAPÍTULO 2 - COLEÇÕES E MUSEUS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	27
2.1 Projetos de divulgação dos espaços de ciência na UnB	29
2.1.1 Projeto Rede de Museus e Espaços de Ciência	29
2.1.2 Projeto Tour no Campus.....	29
2.2 EXPERIMENTOTECA.....	30
2.3 HERBÁRIO	30
2.4 Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química (LPEQ).....	31
2.5 Museu Virtual de Ciência e Tecnologia	31
2.6 Observatório Astronômico.....	31
CAPÍTULO 3- GESTÃO DE COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA	33
3.1 Museu de Anatomia Humana (MAH).....	33
3.1.1 Acervo do MAH.....	33
3.1.2 Estrutura organizacional e equipe do museu.....	34
3.1.3 Documentação Museológica.....	34
3.1.4 Extensão	35
3.1.5 Pesquisa.....	36
3.1.6 Divulgação das atividades	36
3.2 Museu de Geociências (MGeo)	37
3.2.1 Acervo e Coleções	38
3.2.3 Equipe do museu e organização institucional	38
3.2.4 Exposições.....	39
3.2.5 Divulgação do Museu.....	40
3.2.6 Documentação Museológica.....	41

3.2.7 Conservação, Restauração e Reserva Técnica	42
3.2.8 Pesquisa, Ensino e Extensão	42
3.2.9 Parcerias	42
3.2.10 Segurança	43
3.3 Museu Anatomia Veterinária (MAV)	43
3.3.1 Gestão das Coleções do Museu de Anatomia Veterinária (MAV)	44
3.4 Gestão das coleções da Casa da Cultura da América Latina	49
3.4.1 Histórico da Instituição.....	49
3.4.3 O Fundo Stella Maris.....	52
3.4.4 Reserva Técnica e Conservação do Acervo	53
3.4.5 Documentação Museológica.....	54
3.4.6 Exposições.....	54
3.4.7 Ação Educativa e Cultural	54
3.4.8 Pesquisa.....	55
3.4.9 Divulgação	55
3.4.10 Parcerias	56
3.4.11 Segurança	56
3.4.12 Observações quanto à Gestão das Coleções da CAL	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
ANEXOS.....	66
APÊNDICE A – ENTREVISTA NA CASA DA CULTURA DA AMÉRICA LATINA	75
APÊNDICE B – MUSEU DE ANATOMIA VETERINÁRIA	86
APÊNDICE C – MUSEU DE GEOCIÊNCIAS	91
APÊNDICE D – MUSEU DE ANATOMIA HUMANA	98
APÊNDICE E - INSTITUIÇÃO: CASA DA CULTURA DA AMÉRICA LATINA	107
APÊNDICE F - INSTITUIÇÃO: MUSEU DE ANATOMIA VETERINÁRIA	108
APÊNDICE G - INSTITUIÇÃO: MUSEU DE ANATOMIA HUMANA.....	109
APÊNDICE H- INSTITUIÇÃO: MUSEU DE GEOCIÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

O presente tema é resultado do amadurecimento de uma reflexão. Iniciada durante a realização da disciplina “Estágio Curricular Obrigatório”, do Curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB), desenvolvida ao longo de dois semestres, na Casa da Cultura da América Latina (CAL).

A funcionária da CAL, Anelise Weingartner Ferreira foi a responsável por orientar os estagiários, e atualmente ocupa o cargo de coordenadora do acervo. Dessa forma, foi enfatizada a vivência de questões ligadas a essa área da instituição. Nesse sentido, iniciou-se uma observação sobre como era realizada a gestão das coleções da CAL, comparando aos princípios teóricos da Museologia. Todavia, observamos discordâncias entre a realidade prática da CAL e a teórica da Museologia.

No período seguinte ao término do estágio, no contexto de elaboração do projeto de conclusão do curso de Museologia. Considerando a possibilidade de contribuir com a CAL, foi proposto um tema que pudesse apontar melhorias em sua gestão. A posterior conclusão do projeto e a experiência adquirida durante o período de realização do estágio possibilitou questionamentos mais amplos, em relação à gestão da CAL. Meses depois foi recebida a proposta de desenvolver esse trabalho.

A presente pesquisa tem a proposta de identificar e descrever a gestão das coleções museológicas, pertencentes à Universidade de Brasília. Dessa forma, as principais questões norteadoras, seriam: Considerando o compromisso da universidade com o ensino, pesquisa e extensão, quais são as coleções museológicas da UnB e suas unidades detentoras? E qual o propósito de utilização dessas coleções?

Segundo a matéria publicada no site da Universidade de Brasília sobre coleções e museus da UnB, observa-se o vasto e diverso acervo da UnB. A Universidade possui inúmeras instituições detentoras de coleções. Da mesma forma, sabemos da existência de muitos espaços, que apesar de não possuírem denominação de Museu e Coleção são espaços museais, tais como: A Experimentoteca, Herbário, Observatório Astronômico, Observatório Sismológico, Coleções da Zoologia e Casa da Cultura da América Latina (CAL). O restante dessas coleções encontra-se nos museus da UnB, sendo estes: O Museu de Geociências, Museu de Anatomia Humana, Museu de Ciência e Tecnologia e Museu de Anatomia Veterinária.

Em 2009, a Comissão de Preservação do Patrimônio Artístico (CPPA) da Universidade de Brasília foi responsável pelo inventário de cerca de 1.000 obras pertencentes à UnB. Esse trabalho multidisciplinar resultou na publicação do livro “Acervo de Arte”. Nele estão selecionadas 90 obras que mostram a grande diversidade do patrimônio da universidade. Como parte das obras catalogadas, encontram-se as pinturas, esculturas, ilustrações e fotografias. O CPPA é uma equipe interdisciplinar entre professores e outros profissionais da UnB. Desde 2009, essa equipe faz o registro das obras de arte da universidade, além de discutir políticas de preservação para o acervo da UnB (SECOM UNB).

Todavia, esse trabalho identificou apenas parte do acervo da UnB. Para Ribeiro (2013), o acervo dos museus universitários, ou seja, o patrimônio universitário verifica a origem das suas coleções com a comunidade acadêmica, seus modos de vida, valores e função social. Nesse sentido, à medida que conhecermos mais sobre as coleções que compõem o patrimônio universitário, será possível conhecer mais sobre a universidade e suas carências.

Anelise Ferreira, membro do CPPA e atual funcionária da CAL, ressaltou a importância de pesquisar as coleções da UnB. Ela considera essa atividade como uma forma de divulgação do Patrimônio Artístico da Universidade. Nesse sentido, esse trabalho pretende suscitar o debate sobre o potencial dessas coleções, e da mesma forma, viabilizar outros possíveis estudos.

Para aprofundar as análises do presente tema foi necessário fazer um recorte em relação ao objeto de estudo da pesquisa. Dessa forma, propomos- nos aos estudos ligados às formas de gestão das coleções da Universidade e não aos objetos em suas particularidades.

A delimitação da pesquisa priorizou a escolha dos museus como os locais mais adequados para a análise da gestão dessas coleções. Pressupondo a presença das condições básicas e fundamentais para a existência dessas instituições, como: Salvaguarda do acervo, recursos humanos e espaço físico. (ALMEIDA, 2001).

Outro fator determinante na escolha desses locais pode ser observado na própria definição de bens musealizados, presente no Decreto 8.124, de 17 de outubro de 2013:

I - bens culturais - todos os bens culturais e naturais que se transformam em testemunhos materiais e imateriais da trajetória do homem sobre o seu território;

II - bens culturais musealizados - os descritos no inciso I do caput que, ao serem protegidos por museus, se constituem como patrimônio museológico; (BRASIL. Decreto n 8.124, de 17 de outubro de 2013).

Dessa forma, segundo a definição anterior, compreendemos que os bens culturais para serem considerados como musealizados, além de deter todas as características do artigo I, necessitam da proteção dos museus, para se constituírem como um patrimônio museológico. Burcaw (1997) define as coleções de museu como: os objetos coletados por essa instituição, que em função de seu reconhecido valor de referência, ou por sua importância estética, ou educativa são adquiridos e preservados.

Nesse sentido, as instituições analisadas nessa pesquisa serão três museus da UnB e a Casa da Cultura da América Latina. Os museus são: Museu de Anatomia Humana, Museu de Geociências e Museu de Anatomia Veterinária. Como observação, o Museu de Ciência e Tecnologia, inicialmente seria uma instituição de análise nessa pesquisa, porém, ao entrar em contato com o responsável por essa instituição, o mesmo não autorizou a realização de pesquisas na área de gestão de coleções e no acervo. O principal motivo colocado pela coordenação do Museu de Ciência e Tecnologia foi que a instituição atualmente passa por um processo de reestruturação física, dificultando assim, uma análise de suas atividades. Outra ressalva foi em relação ao levantamento dessas coleções, pois apesar do museu possuir um acervo, o mesmo encontra-se totalmente disperso.

A escolha da CAL como uma unidade de análise ocorreu devido à vivência mais aprofundada, através do estágio. Comparada às demais instituições da Universidade. Segundo Rocha (2013), a instituição é uma galeria de arte, pertencente à UnB. Foi criada em 1987, com a missão de divulgar a cultura Latino- Americana e Africana. Para Oliveira (2010:4), a CAL, desde sua origem, tem sido um espaço de preservação e estudo do patrimônio cultural e artístico da Universidade de Brasília. Além disso, a Casa da Cultura da América Latina, juntamente com a Biblioteca Central da UnB (BCE) são consideradas por esse autor, como uma das instituições museológicas mais importantes da Universidade. (OLIVEIRA, 2010, p. 4; ROCHA, 2013)

A CAL é uma das diretorias do Decanato de Extensão da UnB (DEX), e o restante dos museus e coleções são projetos do DEX, desenvolvidos pelos Institutos, Departamentos e unidades acadêmicas. Segundo o Estatuto da UnB: “A extensão tem como objetivo intensificar as relações transformadoras entre a Universidade e a sociedade, por meio de um processo educativo, cultural e científico”.

Contudo, é importante ressaltar que o DEX não gere esses museus e coleções, mas é através dele que essas instituições adquirem os recursos necessários à realização de seus

projetos, exposições, entre outras atividades, propostas por suas instituições detentoras. ESTATUTO DA UNB).

Para Cury (2009), a gestão museológica:

Organiza a práxis formando o cotidiano institucional que opera no tempo. A gestão museológica faz as ações museográficas atuarem em sinergia, como um sistema que opera com atividades meio e fim. A administração é atividade meio que dá suporte ao processo curatorial, ações fim em torno do objeto museológico (CURY, 2009:273).

Bruno (2008) afirma que grande parcela das coleções museológicas, presentes no Brasil encontram-se sob a tutela de instituições universitárias. Todavia, a autora ressalta que as gestões dessas unidades tornam-se complexas, ao considerarmos o compromisso da Universidade com o ensino, pesquisa e extensão. Como podemos verificar no trecho a seguir:

É evidente que a lógica administrativa das universidades não privilegia de forma adequada a dinâmica dos processos curatoriais. Nesses casos, é comum a valorização das ações de coleta, estudo e ensino em relação às expressões materiais da cultura em detrimento dos procedimentos de salvaguarda e comunicação museológicas. (BRUNO, 2008: 23).

Apesar da dificuldade anteriormente explicitada não representar uma totalidade dos problemas enfrentados pelos museus universitários, no que tange a gestão de suas coleções. Bruno (2008) acrescenta, mostrando-nos a necessidade de se rever os planos de gestão dessas coleções.

Ainda, segundo a concepção da autora, o diagnóstico da forma de gestão das coleções museológicas da Universidade de Brasília é a primeira medida para que, posteriormente, possamos estabelecer planos de gestão e melhorias das condições de suas instituições detentoras.

É válido ressaltar que a descrição da gestão de coleções museológicas, no presente trabalho, possui caráter exclusivo de estudos. De modo algum, visa expor ou criticar as instituições envolvidas nesse processo.

METODOLOGIA

A abordagem será mista. Quantitativa, através da listagem numérica das coleções e qualitativa, por meio de entrevistas e análise de dados em uma síntese narrativa. (CRESWELL, 2010).

Além das entrevistas, as informações específicas das instituições e coleções aqui estudadas foram obtidas, principalmente através de um questionário. Esse questionário foi baseado no modelo utilizado na tese de doutorado intitulada como “Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?” de Adriana Mortara Almeida.

Devido à proposta do presente trabalho, constatou-se a necessidade de uma adaptação mais específica desse questionário. Por isso, foram acrescentadas perguntas subjetivas, as quais foram utilizadas como roteiro de entrevista.

Em consequência da dificuldade de encontrar textos que abordam sobre as coleções da UnB e os Museus da UnB, as entrevistas e o questionário foram fundamentais para o aprofundamento das informações encontradas durante essa pesquisa.

Esse trabalho será dividido em três capítulos, o capítulo 1 apresenta os conceitos de Coleção Universitária, Museu Universitário. Também mostra as origens e formação das coleções museológicas universitárias. O capítulo 2 apresenta os espaços museais da Universidade em sua totalidade, bem como os projetos de divulgação da ciência na Universidade de Brasília. O foco dessa parte é mostrar como essas unidades se estruturam dentro da universidade. No capítulo 3 serão apresentadas somente as instituições museológicas da delimitação dessa pesquisa, assim como o estudo de suas respectivas gestões.

CAPÍTULO 1 – COLEÇÕES E MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

1.1 A Coleção

A prática de colecionar objetos é muito antiga e conhecida pela humanidade. Desde o Período Paleolítico foram encontrados artefatos nas câmaras funerárias, comprovando a existência dessa prática. Esse hábito esteve presente durante toda a Antiguidade, Idade Média e Renascimento. Persistindo até o nosso tempo, onde continua a se afirmar com muita veemência. (GIOVANAZ, 1998; LEWIS, 2004; SOUZA, 2009).

Desde a Antiguidade acredita-se que o homem acumula objetos, a partir de associações pessoais ou coletivas. São inúmeros os objetos que perpassam a vida de um indivíduo, por isso é inviável mantê-los em sua totalidade. Dessa forma, ocorre um processo de classificação e seleção entre as coisas que serão conservadas, resultando no próprio ato de compor uma coleção. (GIOVANAZ, 1998; POMIAN, 1984; SOUZA, 2009).

Entretanto, devemos refletir sobre o significado do ato de “coleccionar”. Para Souza (2009:2): “Ao colecionar, o indivíduo exterioriza suas experiências e seus sentidos de permanência, através dos objetos de uma coleção”. Além de representar experiências e interesses diversos, os objetos que compõem uma coleção podem ser os mais inesperados e exóticos possíveis. Ou seja, qualquer objeto natural e artefato, por mais fantasioso que pareça encontra-se num museu ou coleção particular (ALMEIDA, 2001; GIOVANAZ, 1998; LOPES, 2010; POMIAN, 1984; SOUZA, 2009:2).

Dessa forma, Pomian compreende uma coleção como:

Qualquer conjunto de objetos, naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado, preparado para este fim, e expostos ao olhar do público, pela instituição que os abriga ou por seu proprietário (POMIAN, p.53, 1984).

Além dessas características apontadas por Pomian, uma verdadeira coleção necessita que os agrupamentos de objetos que a compõem, formem um conjunto, relativamente, coerente e significativo.

A Coleção Universitária, por sua vez, seria uma unidade que adquire, conserva e pesquisa. Todavia, não tem a preocupação de expor e divulgar o patrimônio material e imaterial, ou o faz de forma imparcial (MARQUES E SILVA, 2011).

O acesso a essas coleções, normalmente é restrito aos pesquisadores e não tem fins de lazer. Nesse sentido, estão presentes as coleções denominadas Coleções Didáticas, que tem como objetivo de serem estudadas pelos alunos universitários. (IDEM)

A seguir apresentaremos as características dos museus universitários, comparando- os com as coleções universitárias. Todavia é necessário afirmar nesse momento, que apesar dos Museus e Coleções universitários apresentarem diversas características em comum, os mesmos não se configuram como sinônimos.

1.2 Definição de Coleções e Museus Universitários

A definição do *International Council of museums* (ICOM), de 2007, considera o museu, em sentido amplo, como:

“(...) uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite”. (ICOM, 2007)

Em conformidade com trecho acima e segundo a concepção de Almeida (2001). O museu universitário, além de apresentar todas essas características definidas pelo ICOM, deve desenvolver em sua gestão, as atividades de:

- Abrigar/ formar coleções significativas para desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão;
- Dar ênfase ao desenvolvimento de pesquisas a partir do acervo;
- Manter disciplinas que valorizem as coleções e as pesquisas sobre as coleções;
- Participar da formação de trabalhadores de museus;
- Propor programas de extensão: cursos, exposições, atividades culturais, atividades educativas baseados nas pesquisas e no acervo;
- Manter programas voltados para diferentes públicos: especializado, universitário, escolar, espontâneo, entre outros, dependendo da

disponibilidade de coleções semelhantes na região e do interesse dos diferentes públicos (ALMEIDA, 2001:5).

O museu universitário, por estar inserido no contexto acadêmico, deveria apropriar-se do máximo de recursos presentes nas universidades, pois essa instituição pode ser considerada como um espaço de produção de conhecimento, de experiência e de formação (IDEM).

As Coleções universitárias e Museus Universitários são instituições que se caracterizam por estar parcialmente ou totalmente sob a responsabilidade de uma universidade. Tendo em vista as necessidades básicas dessas instituições, como a salvaguarda do acervo, recursos humanos e espaço físico. (ALMEIDA, 2001)

Devido à importância e especificidade dos museus e coleções universitárias, o ICOM, dentre as suas diversas comissões internacionais especializadas, criou o UMAC, *University Museums and Collections*. Uma comissão internacional especializada, voltada para os museus e coleções universitárias. Dessa forma, houve um reconhecimento a nível mundial, da natureza específica dos museus e coleções universitários (GIL, 2005).

Adiante, investigaremos as origens das coleções museológicas universitárias, bem como o seu papel na criação de muitos museus universitários.

1.3 Origem das coleções dos Museus Universitários

Uma das origens das coleções dos museus universitários estaria diretamente relacionada às coleções de ensino da Medicina dos “*Theatrus Anatomicus*”. Esses teatros surgiram na Itália e Holanda, no final do século XVI. Inicialmente, essas coleções foram formadas por exemplares, com o intuito de auxiliar no ensino e não se constituíam propriamente em museus, embora estivessem integradas às instituições com caráter universitário. De modo geral, grande parte das Coleções ligadas ao uso didático e de investigação, em diversas áreas principalmente de História Natural e Medicina, começaram a surgir somente a partir do século XVII. (GIL, 2005).

Outra origem das coleções dos museus universitários situa-se nos “Gabinetes de Curiosidades”, que surgiram no século XV. Nesse período, segundo Julião (2002): “O homem vivia uma verdadeira revolução do olhar, resultado do espírito científico e humanista do Renascimento e da expansão marítima, que revelou à Europa um novo mundo”. Devido a essa

descoberta, muitos objetos provenientes do mundo natural e de diversos lugares, encantam os príncipes, reis, membros da nobreza, sacerdotes, membros das ordens militares, profissionais liberais e intelectuais. (GIL, 2005; FARINHA, 2012; JULIÃO, 2002; FRANCO, 2010).

Os Gabinetes de Curiosidade foram, então, os primeiros locais especialmente pensados para receber as coleções diversificadas. Inicialmente, a maioria desses gabinetes eram lugares voltados para o estudo da História Natural. As coleções recebiam minuciosas e longas descrições, que eram inclusive publicadas. (SOUZA, 2009).

As descobertas do século XVI e as grandes navegações influenciaram o conteúdo desses gabinetes, gerando uma variação dos mesmos, que passam a manter os objetos exóticos e animais ao lado de artefatos feitos pelo homem as *naturalia* e *artificialia*. É válido ressaltar que não havia um padrão a ser seguido nesses locais, tanto em relação aos objetos colecionados e da mesma forma nos propósitos do colecionador. (LARA FILHO, 2006; SOUZA, 2009).

Num Gabinete de Curiosidade era possível encontrar objetos dos mais inesperados possíveis, desde obras de arte moderna e antiga como, retratos, bibelôs e estátuas, entre outros. Também estavam presentes nessas coleções, desde encardenações, até múmias, fósseis, minérios, e objetos, conhecidos atualmente, como etnográficos: adereços, pirogas, remos. Os gabinetes eram também denominados de *Kunstkammer* ou *Theatrum Memoriae*, ou seja, esses espaços eram considerados, na época, como uma enciclopédia de objetos, na qual cada objeto que o compunha representava seu lugar no mundo do conhecimento. (FARINHA, 2012; FRANCO, 2010; GIRAUDY e BOUILHET, 1990:23; SOUZA, 2009).

Um dos gabinetes de caráter enciclopédico, que se tornou um dos mais populares em Bolonha, no século XVI, era de *Ulisse Aldrovandi*. Seu gabinete era um local de observação e classificação. No espaço, havia uma grande coleção de objetos. Também estavam presentes mais de 4000 desenhos. Sua coleção era composta somente por objetos naturais e animais. Essa categoria também incluía criaturas de existência duvidosa e monstros. Os desenhos eram utilizados para substituir as espécies naturais que ele não conseguia obter. O gabinete foi aberto aos estudiosos e interessados tornando-se muito conhecido. Aldrovandi cria, então, um catálogo dos visitantes, no qual os mesmos são classificados de acordo com sua origem social ou geográfica. Nos gabinetes, o uso da catalogação e classificação são instrumentos,

que o homem desse contexto encontrou, para descrever o mundo, expressando seu conhecimento daquela época. (BLOOM, 2003; LARA FILHO, 2005; MAURIÈS, 2002).

Além dos gabinetes de curiosidades, surgiram nesse período, as Coleções Científicas. Muitas dessas eram chamadas de museus. Reuniam grande quantidade de espécies variadas, seres exóticos e objetos de lugares distantes. Também tentavam simular a natureza em seus gabinetes. Na maioria dos casos, a organização dessas coleções era quase sempre caótica. Ou seja, a clareza da organização não era prioridade, e sim, a quantidade de espécies acumuladas. (JULIÃO, 2002; LEWIS, 2004; SUANO, 1996)

A evolução das concepções científicas dos séculos XVII e XVIII, e o consequente aumento do interesse pela história humana e natural, fez com que essas coleções se especializassem. A partir desse momento, foram criados critérios de organização para esses grupos de objetos, que passam a adotar uma ordem atribuída à natureza. Dessa forma, além da função de serem contempladas pelos visitantes, as coleções passaram a ser destinadas à pesquisa e ciência pragmática e utilitária (JULIÃO, 2002: 20).

Também foi nesse período onde foram fundadas as primeiras sociedades científicas, e algumas reuniram coleções próprias. As melhores sociedades científicas do período foram: Real Sociedade de Londres, Academia do Cimento em Florença, e na Academia de Ciências de Paris. (LEWIS, 2004:2).

As coleções, que se formaram no período compreendido entre os séculos XV e XVIII, deram origem a museus. Entretanto, na origem dessas coleções, elas não estavam acessíveis ao público, ou seja, destinavam-se exclusivamente à fruição exclusiva de seus proprietários, amigos e familiares. Somente no final do século XVIII, os museus públicos surgem em decorrência do espírito enciclopédico, o chamado “Esclarecimento Europeu”. A partir desse momento, foi franqueado, de fato, o acesso público a essas coleções, marcando o surgimento dos museus nacionais. A liberação do acesso público a essas coleções, geralmente possuía a intenção de difundir a história e o civismo, também era uma forma de instruir os indivíduos. (IDEM; JULIÃO, 2002).

A coleção mais impressionante do período Renascentista foi reunida, e desenvolvida pelos *Médici*, em Florença, na Itália. Em 1743, anos depois de sua criação, essa coleção foi doada ao Estado, para estar acessível ao público. (GIL, 2005; LEWIS, 2004).

O primeiro museu universitário e primeiro do período Moderno é o *Ashmolean Museum*. Essa instituição foi criada a partir da doação de Elias Ashmole à Universidade de Oxford em 1683. Suas coleções ecléticas, provenientes de vários lugares, foram desenvolvidas pela família *Tradescant*, e exibidas previamente ao público, em sua residência, em Londres. Outros exemplos de museus com carácter enciclopédico são dois outros museus famosos: o Museu do Louvre, aberto em Paris em 1759, o Museu Britânico, de 1759 e o Louvre; O museu do Louvre representou uma democratização das coleções reais, já o Museu Britânico foi resultado da aquisição de três coleções. (ALMEIDA, 2001; BLOM, 2003; GIL, 2005; LEWIS, 2004).

Esse entusiasmo pela classificação e pelo conhecimento enciclopédico desse período tornaram os museus como espaços atrativos para os naturalistas. Por isso, houve na época, um grande desenvolvimento dos museus de história natural. (LOPES, 1997).

As coleções que posteriormente formaram museus de história natural. Antes consideradas como “Gabinets de Curiosidades”, passaram a ser vistas como importantes coleções didáticas para estudos de taxonomia e sistemática. À medida que se descobriam novas espécies, nas terras até então inexploradas, o interesse nessas coleções aumentava. (GIL, 2005).

Devido a esse interesse, muitos países europeus realizam inúmeras expedições nos séculos XVIII e XIX, com o objetivo de reconhecimento territorial, zoológico, botânico, mineral e humano. Nos museus de história natural, os objetos coletados durante essas viagens eram sistematizados e classificados. A constituição da história natural em uma ciência comparativa e classificatória também foi uma motivação para que realizassem essas expedições, pois requeria a coleta de materiais em terras desconhecidas, o que levou os naturalistas da época a planejarem viagens científicas, tornando os museus como os principais detentores de espécies naturais do mundo. (PATACA; PINHEIRO, 2005, p. 58)

Um dos países que participou de forma intensiva nesse processo foi Portugal. Enviando a suas colônias, muitas expedições científicas, também conhecidas como “Viagens Filosóficas”. No século XVIII, como destino dessas expedições, estavam presentes as colônias portuguesas: Angola, Cabo Verde, Moçambique e Brasil. Planejadas por Domingos Vandelli, essas expedições buscavam o enriquecimento do Museu Real da Ajuda e do Museu de Coimbra. As Viagens Filosóficas, portanto, refletem a dinâmica econômica, política e cultural do colonialismo português (GIL, 2005; PATACA; PINHEIRO, 2005).

Desde a chegada dos portugueses no Brasil, surge no país, o costume de enviar objetos, seres e plantas, para o abastecimento da Metrópole. Entretanto, somente a partir dos governos dos Vice - Reis Conde da Cunha, Marquês do Lavradio e Dom Luís de Vasconcelos e Souza, em meados do séc. XVIII, que esse costume se constitui como uma atividade sistemática. Nesse sentido, no ano de 1784, D. Luiz de Vasconcellos e Sousa cria a “Casa dos Pássaros” ou Casa de História Natural, no Rio de Janeiro, tendo como principal responsável, Francisco Xavier Cardoso. Segundo Lopes (1997), essa instituição, “por mais de vinte anos, colecionou, armazenou e preparou produtos naturais e adornos indígenas para enviar a Lisboa”. (LOPES, 1997, p. 25 - 26).

A vinda da Família Real no Brasil e a entrada de naturalistas estrangeiros no país, em 1808, influenciam a criação de instituições de ciência, hortos e museus. (PATAÇA; PINHEIRO, 2005).

1.4 Os museus brasileiros

A história dos museus brasileiros se inicia em 1808, com a vinda da Família Real ao Brasil, e devido à criação do Museu Real, conhecido atualmente como Museu Nacional. Seu acervo inicial compunha-se de uma pequena coleção de história natural, doada ao Museu por D. João VI. O Museu Nacional foi a primeira instituição brasileira dedicada exclusivamente aos estudos de história natural. Todavia, somente em 1876 esse museu adquire, de fato, um caráter científico através da publicação da revista *Archivos do Museu Nacional*. Essa obra foi criada para divulgar os estudos desenvolvidos por esse museu. Além disso, a revista tornou-se uma importante fonte de comunicação entre a instituição e o mundo. (ASSIS; LOPES, 2014; BRUNO, 2009; FIOCRUZ; JULIÃO, 2002:21).

Além do Museu Nacional, surgem dois museus etnográficos que obtiveram destaque no final do século XIX: O Museu Paraense Emílio Goeldi, e o Museu Paulista, também conhecido como Museu do Ipiranga. O Museu Paraense foi constituído em 1866, através da iniciativa de uma instituição privada, e posteriormente transferido para o Estado em 1871, sendo reinaugurado somente no ano de 1891. O Museu Paulista surgiu em 1894. Atualmente essa instituição integra o conjunto arquitetônico do Parque da Independência, e também é considerado o mais importante museu pertencente à Universidade de São Paulo. Esses três museus contribuíram intensamente na preservação das riquezas locais e nacionais do Brasil,

no século XIX. Também desenvolveram estudos que, posteriormente serviriam de base para a Antropologia (JULIÃO, 2002; SCHWARCZ, 2005).

Podemos citar ainda, outros museus que foram criados no mesmo período: O Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), Museu do Exército (1864), Museu da Sociedade Filomática (1866) e Museu da Marinha (1868). (ASSIS; LOPES, 2014).

Nos últimos trinta anos do século XIX e no início do século XX, houve uma mudança no panorama museal brasileiro, onde predominavam os museus de história natural. A partir desse momento, os museus históricos ganharam ênfase no país, em consequência da crescente valorização da questão da nação, nos museus brasileiros. (CONSIDERA, 2015; JULIÃO, 2002)

Em 1922, com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN) surge, então, um modelo de museu destinado a representar uma nacionalidade. O principal objetivo do MHN era de educar o povo, ou seja, de incentivar a formação cívica e o culto à tradição, considerados como mecanismos de progresso da nação (JULIÃO, 2002).

Em 1932 é criado no Museu Histórico Nacional, o curso de museologia, sob a orientação de Gustavo Barroso, diretor do Museu. Esse curso capacitou muitos profissionais que atuaram em instituições museológicas por todo o país. Dessa forma, muitos museus passaram a adotar o modelo do MHN. Esse fator foi decisivo para que o Museu Histórico Nacional, posteriormente se destacasse no panorama museal brasileiro. (IDEM).

Após a criação do curso de museologia, houve a inauguração de novos museus no Brasil. No final da década de 1930, a unidade nacional é uma questão fundamental no Brasil daquele período. Havia, portanto, a necessidade de se criar um mecanismo de reafirmação da nacionalidade, com o objetivo de unificar o povo brasileiro, fragmentado pela herança federalista e oligárquica. Em 1937, como resultado dessa preocupação é criado o SPHAN, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com o propósito de estabelecer diretrizes para políticas patrimoniais, e eleger um acervo que representasse um ideal de brasilidade (MASSUCATE, 2009).

Atualmente, no panorama dos Museus brasileiros, estima-se a existência de 155 museus e coleções universitários, segundo consulta à base de dados do *University Museums & Collections*, do ICOM. No banco de dados do *Umac*, encontram-se cadastrados cinco instituições museológicas pertencentes à UnB: A Casa da Cultura da América Latina, Museu de Anatomia Humana, Museu de Geociências, Museu Virtual de Ciência e Tecnologia e

Coleções da Zoologia. Nesse sentido, apresentaremos no capítulo seguinte, as Coleções e Museus Universitários da UnB.

CAPÍTULO 2 - COLEÇÕES E MUSEUS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A Universidade de Brasília foi idealizada por Darcy Ribeiro para ser uma instituição inovadora, que rompesse com os padrões de ensino superior do Brasil daquele período. Foi criada através da Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, pelo presidente da República João Goulart. Sua inauguração ocorreu no dia 21 de abril de 1962, no Auditório Dois Candangos (SECOM UNB).

A concepção da Universidade, as regras e a estrutura foram definidas em seu Plano Orientador, datado de 1962. A organização da Universidade de Brasília se caracterizava pela integração de três modalidades de órgãos: Os institutos centrais, as Faculdades e Órgãos Complementares. (IDEM)

Como podemos observar na figura a seguir:



FIGURA 1 – Estrutura original da Universidade de Brasília

Fonte: Site da Universidade de Brasília

Ao observarmos a estrutura anterior, podemos verificar a proposta de instalação da Biblioteca Central, do Museu de Arte, que estaria associado ao Instituto de Artes (IdA), Museu da Ciência e Museu da Civilização brasileira, aos quais fariam parte dos órgãos complementares. A proposta desse último constava no Plano Orientador da UnB:

O *MUSEUM* que compreenderá o Museu de Ciência, o Instituto de Artes e o Museu da Civilização Brasileira. Este último com o objetivo de vincular Brasília às nossas tradições históricas e artísticas e dar, aos moradores da nova capital e aos visitantes que a procurem, uma visão do nosso esforço secular para criar uma civilização. (Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. v.36, n.83, jul./set. 1961. p.161-230).

Niemeyer esteve diversas vezes no terreno onde seriam erguidos, harmonicamente, o Museu de Ciência e o grande auditório batizado de Aula Magna. No entanto, devido ao Golpe Militar de 1964, e a consequente demissão em massa de professores em 1965. Esses museus, assim como os prédios pensados por Niemeyer, nunca saíram do papel. A área se ateve ao paisagismo de Fernando Chacel, concebido em 1974 (REVISTA DARCY; SECOM UNB).

Segundo a lista dos espaços museais do Decanato de Extensão da UnB (em anexo). Atualmente, na Universidade de Brasília podem ser encontrados nove desses espaços, sendo estes: Museu de Anatomia Humana, Museu de Anatomia Veterinária, Experimentoteca, Herbário, Museu de Geociências, Museu Virtual de Ciência e Tecnologia, Observatório Astronômico, Observatório Sismológico e Coleções da Zoologia.

Devido à necessidade de viabilizar um aprofundamento das informações na presente pesquisa, foram escolhidos os 3 museus, sendo estes: Museu de Anatomia Humana, Museu de Anatomia Veterinária e Museu de Geociências, juntamente com a Casa da Cultura da América Latina.

Apesar de não estar presente nessa lista, a CAL é uma das diretorias do Decanato de Extensão da UnB (DEX), como veremos mais adiante. O restante dos museus e coleções são projetos do DEX, desenvolvidos pelos Institutos, Departamentos e unidades acadêmicas. Segundo o Estatuto da UnB: “A extensão tem como objetivo intensificar as relações transformadoras entre a Universidade e a sociedade, por meio de um processo educativo, cultural e científico”. (ESTATUTO DA UNB).

Contudo, é importante ressaltar que a gestão desses museus e coleções não é feita pelo DEX, mas é através dele que essas instituições adquirem os recursos necessários à realização de seus projetos, exposições, entre outras atividades, propostos por suas instituições detentoras. (ESTATUTO DA UNB).

A seguir, serão apresentados dois projetos que atuam na divulgação dos espaços de Ciência da UnB.

2.1 Projetos de divulgação dos espaços de ciência na UnB

2.1.1 Projeto Rede de Museus e Espaços de Ciência

Foi criado no ano de 2005, tendo como objetivo principal a integração das instituições da UnB que possuem acervo de caráter científico. Promovendo, dessa forma, uma maior divulgação dos espaços participantes e do patrimônio da universidade, para a comunidade em geral. As instituições participantes desse projeto são: a Experimentoteca, o Herbário, o Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química, o Museu de Anatomia Humana, o Museu de Geociências, o Observatório Sismológico, o Observatório Astronômico, o Laboratórios de Zoologia, a Unidade de Reciclagem de Resíduos da Construção e o Museu Virtual de Ciência e Tecnologia (SECOM UNB).

2.1.2 Projeto Tour no Campus

Esse projeto foi desenvolvido pela Diretoria de Esporte, Arte e Cultura da UnB (DEA). O Tour é uma visita guiada de grupos, que passa pelo Instituto Central de Ciências Norte, Hospital Veterinário, Experimentoteca, Instituto de Química e Faculdade de Ciências da Saúde. Segundo Magno Assis, chefe do Serviço Artístico e Cultural, o Tour no Campus é um projeto que tem como objetivo a aproximação dos estudantes secundaristas com o cotidiano da universidade e também considera como uma iniciativa a democratização do Ensino Superior e gratuito. O percurso se inicia no Hospital Veterinário, onde os alunos visitam o Museu de Anatomia Veterinária, e depois o percurso segue pelo ICC Norte, onde os guias explicam de forma geral sobre o funcionamento da Universidade. Continuando na Experimentoteca de Física, onde os estudantes assistem uma aula e participam de experiências e seguem para o Instituto de Química, que percorrem sobre seus projetos. Por último, chegam na Faculdade de Ciências da Saúde, os alunos visitam o Museu de Anatomia (DEA UNB).

No restante desse capítulo serão apresentadas as instituições, as quais não fazem parte do escopo dessa pesquisa. Nesse sentido, abordaremos brevemente sobre a proposta de cada um desses espaços.

2.2 EXPERIMENTOTECA

A Experimentoteca é um projeto desenvolvido pelo Instituto de Física (IF) da UnB. Esse projeto tem como objetivo facilitar a compreensão da Física, através de experimentos e abordagem dos fenômenos físicos. O público alvo são os membros da comunidade acadêmica e externa. A iniciativa realiza atividades de lazer e cultura, exclusivamente voltadas para o ensino culturais e de lazer. A instituição também disponibiliza seu espaço, eventualmente, para realização de trabalhos escolares. (PROJETO EXPERIMENTOTECA)



FIGURA 2 – Experimentoteca

Fonte: Site Instituto de Física

2.3 HERBÁRIO

O Herbário foi criado em 1963, e está inserido no Departamento de Botânica da UnB. Funciona na ala sul do Instituto Central de Ciências, no mesmo local desde a sua criação. Possui vasto acervo de amostras de plantas, advindas de diversas regiões do Brasil e também do exterior. O foco das atividades da instituição é principalmente na pesquisa, com o objetivo de identificar plantas desconhecidas, também está disponível à comunidade em geral, prestando consultoria em casos de plantas que causaram intoxicação (HERBÁRIO UB).

2.4 Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química (LPEQ)

Criado em 1991, o Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química (LPEQ), da Universidade de Brasília tem como objetivo principal auxiliar os professores da educação básica e dar apoio ao curso diurno de Licenciatura em Química. Devido à criação em 1993 do curso noturno de Licenciatura em Química houve uma ampliação das atividades realizadas no LPEQ/UnB (SILVA, 2011).

Atualmente, o LPEQ continua prestando consultoria a professores e estudantes das escolas públicas e particulares do Distrito Federal e entorno, através da realização de atividades experimentais em Química, como trabalhos e projetos escolares, como também feiras de ciências. No caso de escolas públicas, a distribuição do material utilizado nos experimentos é gratuita (IDEM).

2.5 Museu Virtual de Ciência e Tecnologia

O Museu Virtual de Ciência e Tecnologia da UnB foi criado no ano de 2006, com o objetivo de divulgar na internet, a produção intelectual e as coleções científicas da Universidade de Brasília (UnB). Seu espaço traz mostras periódicas para visitação na internet, conteúdos sobre ciência e tecnologia e atividades lúdico- educativas. Nesse museu, também podemos encontrar uma biblioteca virtual, onde são encontrados artigos de divulgação científica e tecnológica. No site do museu também existe uma parte voltada para a divulgação de outros espaços científicos pertencentes à Universidade de Brasília (SITE MCT).

2.6 Observatório Astronômico

O observatório Astronômico da UnB foi criado em 2006, na Fazenda Água Limpa (FAL) da UnB. A instituição é especializada no estudo de corpos menores, os asteroides e cometas. Tem como objetivo principal, o ensino da Astronomia, através da observação, instrumentação e da teoria relacionada. Como projeto de extensão, o observatório realiza visitas em diversas escolas públicas do Distrito Federal. Da mesma forma, oferece cursos sobre astronomia para educadores, tendo como objetivo difundir o conhecimento astronômico em aulas desenvolvidas com conceitos básicos e simples (SITE INSTITUTO DE FÍSICA).

Como curiosidade, o Observatório Astronômico da UnB é o único desse porte, em Brasília, que possui o telescópio *Meade LX200* de 10 polegadas, um telescópio com capacidade de aumento entre 200 e 300 vezes. (IDEM).

No capítulo seguinte, serão apresentadas as gestões das instituições museológicas escolhidas na delimitação dessa pesquisa.

CAPÍTULO 3- GESTÃO DE COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

3.1 Museu de Anatomia Humana (MAH)

O Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília foi fundado no ano de 1977. Desde 2007, o MAH está integrado ao Sistema Brasileiro de Museus. Está localizado na Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, na área de morfologia. Essa instituição também faz parte do Decanato de Extensão da UnB.

A missão do MAH é a divulgação da ciência, através do estudo e exposição das obras. No início de sua história, esse museu começou como uma coleção de caráter pedagógico, tendo seu acesso restrito aos estudantes do curso e pesquisadores. Somente a partir do ano de 1986 foi aberto ao público. E desde, então, está disponível para a comunidade externa.

A instituição possui parceiros dentro da UnB. No local onde funciona a Faculdade de Medicina, o MAH utiliza o laboratório, a sala denominada como “Ossário” (que seria a reserva técnica do museu), o Laboratório de Técnicas Anatômicas e externamente ao espaço do Museu, o Laboratório de Conservação e Restauro da BCE.

3.1.1 Acervo do MAH

A maior parte dos objetos que integram o acervo do MAH originou-se através de dissecações e macerações, realizadas pelos professores da Faculdade de Saúde e técnicos especialistas. Uma parte das coleções que compõem esse acervo foi formada por peças do corpo humano, como ossos e partes anatômicas. O restante é composto por documentos.

No MAH existem coleções formadas por peças raras, como malformações congênitas, variantes anatômicas e peças de difícil obtenção como fetos que vieram a óbito por morte materna.

Somam-se ao acervo, outras peças destinadas às exposições itinerantes do MAH. Esses objetos são conservados pelo Método Modificado de *Giacomini*. Esse método não necessita de solução conservadora e preserva o material biológico por um longo período. Esta técnica mantém a flexibilidade das peças, facilitando seu transporte e manuseio nas demonstrações feitas ao público.



FIGURA 3 – Sala de Exposição “Corpos tetralógicos, corpos biológicos e monstros”

Fonte: Mônica Imai

3.1.2 Estrutura organizacional e equipe do museu

Atualmente, a equipe do MAH é formada pela coordenadora do Museu, a professora Jussara Rocha Ferreira, juntamente com a professora Ana Lúcia Carneiro Sarmiento, diretora do MAH. Da mesma forma, atuam na instituição: 3 profissionais técnicos, e 3 estagiários que auxiliam diversas atividades do museu. Em sua maioria são discentes da área de saúde. Existe o apoio de outros professores da Faculdade de Ciências da Saúde, que apesar de não estarem no quadro de funcionários da unidade, auxiliam a instituição no preparo das peças do acervo e na documentação do mesmo.

3.1.3 Documentação Museológica

O MAH desde o início de suas atividades, sempre teve uma preocupação em organizar e disponibilizar as informações relacionadas às suas atividades. A professora da Faculdade de Ciências da Saúde, Ana Lúcia Carneiro Sarmiento, coordenou por mais de 10 anos o MAH. Em sua gestão, cadastrou esse museu no Sistema Brasileiro de Museus e disponibilizou esses documentos dessa adesão no site do museu. Também registrou inicialmente 446 objetos. Atualmente, esse acervo encontra-se totalmente fotografado e catalogado, e possui um registro com aproximadamente 1100 objetos, todos oriundos de corpos humanos. Em relação

à documentação do acervo, essa instituição possui documentos de aquisição e movimentação dos objetos, relatórios técnicos, fichas de catalogação e inventários.

O MAH possui um sistema de gerenciamento do acervo, em formato digital, que fornece as informações necessárias à realização de diversas atividades do museu, como por exemplo, a produção de exposições e alterações feitas nos objetos. Nesse sistema encontram-se armazenadas, as imagens e informações relacionadas ao acervo. Esse banco de dados sempre passa por uma atualização, e é feita pela coordenadora do museu, com o auxílio dos estagiários do museu.

O MAH também possui um arquivo, no qual podem ser encontrados documentos da época de sua fundação, e que integra outros fundos documentais. O arquivo foi gerenciado nos últimos dois anos, e está sendo construído um repositório institucional, em parceria com professores da Faculdade de Ciência da Informação da UnB.

Para a coordenadora do museu, Jussara Rocha Ferreira, um problema que afeta todas as atividades do museu é a falta de recursos humanos. Nesse contexto, ela enfatiza a necessidade da presença de um museólogo e arquivista no MAH. Além disso, Jussara ressalta que somente um profissional que tenha certo conhecimento de anatomia humana consegue descrever os objetos do museu.

3.1.4 Extensão

O MAH participa de diversos projetos. Dentre esses, estão presentes os Projetos de Extensão de Ação Contínua (PEAC), essas ações têm como objetivo a divulgação da ciência. Uma parte desses projeto é realizado dentro do próprio espaço do museu, como as exposições de longa- duração do MAH:

A exposição intitulada como: “Museu de Anatomia Humana da UnB e a Interação com a Sociedade” está em exibição desde o ano de 2013 no museu e é coordenado pela Professora Ana Lúcia Sarmento.

Outro PEAC é a exposição “Educação em Saúde e Cidadania”, funciona desde 2013 e foi criada pela professora Jussara Rocha Ferreira. Além dessa exposição, ela coordenou também a criação do museu virtual do MAH, o projeto "Espaço interativo de aprendizagem: Educação em saúde e inclusão digital". Esse museu é uma página na internet inserida no site da Faculdade de Medicina. Foi fundado com o intuito de expor os trabalhos da equipe do museu e docentes da Faculdade de Medicina da UnB, também é uma iniciativa de modernização do MAH.

Outra parte dos PEACs são as exposições itinerantes do MAH, que atuam em diversos eventos como: a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, Feira do Hospital Universitário de Brasília, Semana Nacional dos Museus, Semana aberta da UnB, Feiras de Ciências e Projeto Pró Saúde.

3.1.5 Pesquisa

A proposta do MAH em relação à pesquisa, é que a própria coleção e os objetos que estejam expostos promovam uma reflexão, e dessa forma se produza conhecimento. Foram várias publicações envolvendo as coleções e exposições. Nesse sentido, faz parte do arquivo do museu, uma dissertação de mestrado, baseada em pesquisas realizadas no MAH. O objetivo atual do museu em relação à pesquisa é que a cada exposição realizada, seja produzido pelo menos um artigo.

3.1.6 Divulgação das atividades

O MAH divulga suas atividades de diversas formas. Através das ações de extensão: Museu virtual, exposições e participação em eventos. Como também através do site do museu, onde a comunidade em geral pode acessar sobre o seu histórico, atividades e parcerias. O museu também é divulgado através do Programa “Rede de Museus” e através das redes sociais, como o Facebook.

O Museu de Anatomia Humana também foi cadastrado no circuito Turístico da cidade de Brasília. Nesse sentido, como uma forma alternativa de divulgação do Museu de Anatomia Humana, o mesmo encontra-se disponível para a avaliação dos visitantes em um aplicativo de turismo, o TripAdvisor. Esse aplicativo mostra, além dos vários pontos de visitação do país, entre eles diversos locais de divulgação científica.



FIGURA 4 – Gráfico de avaliação dos Visitantes do MAH

Fonte: Site Museu de Anatomia Humana

Conforme podemos observar no gráfico da figura acima, o MAH está avaliado, pelos visitantes, em sua maioria como "Muito bom" e divulgado como atração para os brasilienses e demais turistas que se interessarem.

3.2 Museu de Geociências (MGeo)

O Museu de Geociências- MGeo é um projeto do Decanato de Extensão da UnB, desenvolvido pelo Instituto de Geociências (IDG). O IDG teve início em 1965, juntamente com este museu. Nesse momento inicial, o MGeo funcionou como um depósito para uma série de amostras, coletadas em pesquisas de campo por alunos e professores desse Instituto.

Em 1971, houve a descoberta do meteorito de Sanclerlândia (Goiás), um meteorito de ferro de mais de 200 quilos. Devido à raridade dessa peça, houve um incentivo por parte do próprio Instituto em expor esse objeto para a comunidade. A partir do acontecimento, os docentes do Instituto de Geociências perceberam que aquela peça deveria ser divulgada a toda comunidade. Dessa forma, o depósito de amostras veio a ser aberto para o público em geral, tornando-se Museu de Geociências.

O público alvo, em sua maioria, são pessoas do próprio instituto e a comunidade acadêmica em geral. Mediante agendamento prévio, o museu também recebe visitantes de escolas de ensino fundamental, médio e nível superior, através de visitas guiadas.

Além de sempre promover exposições, o MGeo presta acessoria para escolas que queiram aprender a realizar exposições. Da mesma forma, participa de atividades de extensão, faz pesquisas e publicação de artigos.

A partir do ano de 2008 a 2010, ocorreram reformas na estrutura do museu, sendo agregados a esse espaço: uma sala de estudos, biblioteca, uma reserva técnica, uma sala para guarda das coleções didáticas e uma sala de “reparação”. Ao término da reforma, no ano de 2012, essa instituição focou principalmente na realização de exposições.

O Museu de Geociências conta com uma exposição de longa- duração de classificações minerais, que atende principalmente no ensino. Algumas disciplinas dos cursos de Geofísica e Geologia da UnB utilizam o conteúdo dessas exposições como complemento das aulas.

3.2.1 Acervo e Coleções

A instituição conta com um acervo de, aproximadamente, 6000 peças. São rochas, minerais, fósseis e meteoritos. O acervo foi montado, basicamente, a partir de coleções de professores e de doações.



FIGURA 5 – Coleção de Gemas do MGeo

Fonte: Mônica Imai

O acervo do MGeo se divide em três coleções: uma dessas coleções foi doada no início desse museu, na década de 60, pela *Écoles des Mines*, em Paris, na França. Em sua composição encontravam-se várias amostras de rochas, de minerais. Outra parte do acervo se constitui pela coleção de gemas. Existe também a coleção a Didática. Doada por professores para auxiliar no ensino das disciplinas dos cursos de graduação relacionados ao Instituto de Geociências e ao MGeo.

3.2.3 Equipe do museu e organização institucional

Segundo dados da entrevista e consulta ao questionário dessa pesquisa, a instituição possui como funcionários do quadro: 2 professores, 2 profissionais administrativos. Também existem 5 estagiários, sendo estes: 2 alunos do curso de Museologia e 3 dos cursos de graduação de Geologia e Geofísica. Quanto às atribuições das atividades, no cotidiano do museu não se encontra nenhuma definição dos responsáveis por cada setor. Nesse sentido, a maioria das atividades da instituição é realizada pelos estagiários.

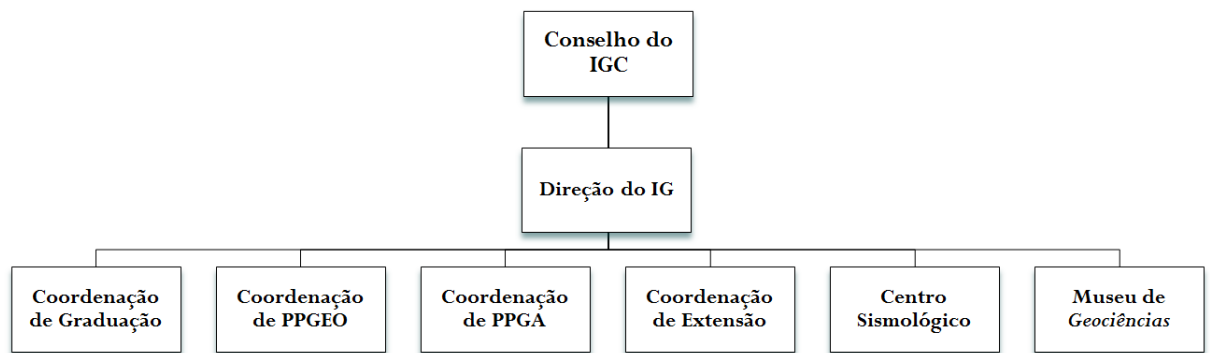


FIGURA 6 – Organograma do Instituto de Geociências

Fonte: Site do Instituto de Geociências da UnB

Conforme observamos na figura anterior, o MGeo encontra-se subordinado ao instituto de Geociências - IDG. Nesse sentido, as decisões dentro do museu, para serem aprovadas, são comunicadas primeiramente ao instituto. Além disso, necessitam ser repassadas a outras instâncias da universidade. Por isso, muitas vezes essas decisões ocorrem de forma lenta.

Devido ao número escasso de funcionários na instituição e a falta de estabelecimento das divisões das atividades no local, os estagiários são responsáveis, na realidade prática, por diversos setores no museu. Nesse sentido, Juliana Pereira Salles, estagiária do Mgeo, ressaltou a dificuldade em estabelecer um consenso nas decisões dentro da instituição, entre as diversas áreas do conhecimento.

3.2.4 Exposições

Segundo Juliana Salles, a falta de profissionais da Museologia é um fator que prejudica muito. Não somente a gestão das coleções, mas o museu como um todo. Como exemplo, ela citou as próprias exposições. O Museu de Geociências possui duas exposições de longa- duração. Apesar destas estarem abertas à comunidade, o conteúdo expositivo torna-se restrito ao público, proveniente do instituto de Geociências. Dessa forma, a linguagem utilizada no mesmo é científica, ou seja, mais voltada às pessoas relacionadas a essa área.

Durante a realização da visita dessa pesquisa no presente museu, foram observados também, alguns objetos nas vitrines onde não se encontrava nenhuma informação. Como pode ser verificado na figura seguinte:



FIGURA 7 – Acervo mineralógico do MGeo

Fonte: Mônica Imai

Esse último fator, também é uma forma de restringir parte da exposição a um público específico. Além disso, torna o discurso da exposição confuso, pois a falta de informação nesses objetos faz com que os mesmos estejam descontextualizados do restante da exposição.

3.2.5 Divulgação do Museu

A divulgação do Mgeo ocorre através do Projeto de Rede de Museus e espaços de Ciência. Também está presente na publicação do Ibram, “O guia dos Museus Brasileiros” e pode ser encontrado na base de dados do UMAC, uma comissão especializada do ICOM, na qual estão listados museus e coleções universitários de vários países.

Recentemente, o Museu de Geociências criou o site institucional, onde são divulgadas suas atividades e projetos. Também existe um link nesse site, no qual direciona o usuário a assistir um vídeo que conta a história do museu.

Outra forma de divulgação na internet, se dá através das redes sociais. Como por exemplo o *Facebook*, no qual a instituição mantém uma página onde são divulgadas, além dos acontecimentos atuais do MGeo, as curiosidades relacionadas às áreas de conhecimento dessa instituição.

3.2.6 Documentação Museológica

Em relação à documentação, quando a instituição recebe um objeto, é feito um inventário para verificar as condições do mesmo e sua destinação. Também há uma prioridade quanto ao tratamento das peças expostas na exposição, em detrimento das que se encontram em reserva.

No MGeo não é utilizado uma base de dados. Os objetos são classificados pelos estagiários de Geologia, e os respectivos dados são registrados para as tabelas do programa Excel, sendo posteriormente catalogados.

Uma ressalva, segundo o relato no questionário da pesquisa é a necessidade de atualização da documentação em geral do acervo do Mgeo, como uma forma de controle e segurança das peças que realmente fazem parte da instituição. Essa inadequação documental também afeta as coleções. Pois, a falta de informações sobre as mesmas ocasiona perdas em sua história.

É importante ressaltar que a instituição não possui política de aquisição e descarte. Em consequência disso, o museu acumulou de forma compulsória muitas peças em reserva, e na realidade não se tem um registro dos objetos que são descartados. Segundo Balerdi (2008): “O museu tem o papel de conciliar a exposição dos objetos com a exposição das idéias. Entretanto, muitas dessas instituições por não apresentarem uma política de aquisição e descarte, acumulam obras de forma intensiva, perdendo seu sentido dentro desses museus”.

A instituição também não possui regimento interno próprio. Ela segue o regimento interno do próprio IDG.

3.2.7 Conservação, Restauração e Reserva Técnica

O museu possui uma sala denominada como “sala de reparação”, na qual são encontrados instrumentos utilizados na classificação dos objetos, como balança, régua, entre outros. Essa classificação é realizada pelos estagiários do curso de graduação em Geologia, para que posteriormente sejam documentados. Nesse espaço também são feitos os serviços de conservação, como a higienização dos objetos e o restauro dos mesmos.

O museu possui uma reserva técnica e uma outra sala, que é voltada para a guarda dos objetos didáticos. Ambas estão localizadas no subsolo do Instituto Central de Ciências. Na reserva técnica existe o controle de temperatura e umidade. Entretanto, não é feito um acompanhamento pela equipe do museu quanto a essas variações de temperatura e umidade. A outra sala é utilizada para a guarda de objetos doados e emprestados por professores.

3.2.8 Pesquisa, Ensino e Extensão

Quanto ao ensino, o museu disponibiliza seu espaço expositivo e também empresta peças de seu acervo para auxiliar no ensino de disciplinas relativas aos cursos de graduação do Instituto de Geociências. Em relação às escolas, o museu presta acessoria para essas instituições que tenham interesse em expor e empréstimo de obras.

Quanto à pesquisa foram diversas realizadas nesse museu. A maioria feita por pesquisadores ligados ao Instituto de Geociências. O diretor da instituição é professor e atualmente orienta PIBIC's.

No contexto da extensão, o Mgeo participa de eventos como, por exemplo, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. O museu também está presente na Rede de Museus.

3.2.9 Parcerias

O Museu de Geociências conta com o apoio da associação de Amigos do Museu, composta pelos professores do Instituto de Geociências. A instituição não possui patrocínio

externo à Universidade. Na ocasião de uma necessidade maior de funcionários, em eventos promovidos pelo Museu. Os professores do Instituto de Geociências se dispõem, voluntariamente, à realização dessas atividades.

3.2.10 Segurança

A partir de 2008, foram acrescentadas mais medidas de segurança na instituição em relação ao acervo e aos frequentadores do Mgeo. Foram instaladas câmeras de vigilância na biblioteca, espaço expositivo e reserva técnica. As vitrines e as reservas técnicas, atualmente, permanecem fechadas por cadeados. Acrescentaram-se as lâmpadas de *led* nas vitrines para melhorar a visualização dos objetos à longa distância.

Todavia, ainda existem algumas ressalvas em relação à segurança. Como por exemplo, a falta de funcionários e estagiários em certos momentos, no espaço expositivo. E da mesma forma, a permissão da permanência de pessoas na área da exposição, portando bolsas, mochilas.

3.3 Museu Anatomia Veterinária (MAV)

O Museu de Anatomia Veterinária da UnB- MAV foi idealizado no ano de 2003, pelos docentes do Laboratório de Anatomia Veterinária (LAV). A instituição pertencente às Faculdades de Agronomia e Medicina Veterinária da Universidade de Brasília. O museu surgiu no ano de 2004, como resultado de parte de atividades desenvolvidas por esse laboratório. Os atuais responsáveis pela instituição são dois funcionários: O diretor do MAV e César Leão, o técnico taxidermista, que atualmente coordena as coleções do MAV. Também está à frente de outras atividades dentro da instituição, como, por exemplo, na verificação das atividades realizadas pelos estagiários.

O MAV está localizado juntamente ao Laboratório de Anatomia Veterinária. Segundo dados de entrevista, por conta dessa instituição surgir como parte das atividades do laboratório, o museu foi instalado em um local improvisado, em um espaço anexo ao LAV.

A instituição tem como missão: retratar através das características documentais e informativas de seu acervo, a anatomia veterinária e divulgação da ciência.

O acervo teve sua origem a partir das permutas, doações e de pesquisas de docentes e alunos do curso de Medicina Veterinária da UnB. As primeiras peças que formaram inicialmente o acervo do MAV estavam divididas em coleções nas salas da Faculdade. Essas peças foram utilizadas como auxílio didático em aulas práticas e teóricas.

É notável a diversidade desse acervo, e o mesmo conta com cerca de 600 peças. Nele podem ser encontrados: animais domésticos, silvestres e exóticos, divididos entre peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. Foi formado a partir de uma coleção preparada de ossos isolados, esqueletos e órgãos de diversas espécies preservadas em soluções fixadoras, moldes em resina acrílica, espécimes taxidermizados e criodesidratados.

Segundo o site do Laboratório de Anatomia Veterinária, os objetivos do Museu de Anatomia Veterinária são:

Disponibilizar para a comunidade uma fonte concreta de informações sobre a anatomia comparada das diferentes espécies animais, possibilitando o aprendizado, a reciclagem e a confirmação de informações;

Estabelecer comparativo entre a normalidade e as variações anatômicas nas diferentes espécies animais.

Estabelecer comparativo entre a forma e função, demonstrando a riqueza morfológica existente entre os diferentes tipos de animais. Complementar e substanciar, ao corpo discente, as informações recebidas em sala de aula;

Criar meio auxiliar para o ensino e pesquisa em Anatomia Veterinária e outras áreas do conhecimento.

(Site Institucional do Laboratório de Anatomia Veterinária)

3.3.1 Gestão das Coleções do Museu de Anatomia Veterinária (MAV)

Segundo César Leão, o Museu de Anatomia Veterinária conta com apenas dois funcionários. Ambos são professores da Faculdade de Medicina Veterinária. O diretor do museu é César Leão, o profissional técnico, que atualmente é o responsável pelas coleções do MAV e por coordenar as atividades com os estagiários, César afirma que apesar de grande parte das atividades práticas da instituição estarem sob sua responsabilidade, sempre pensam em melhorias para o museu.

O MAV, como dito anteriormente, surgiu como parte das atividades do laboratório de Anatomia Veterinária. Desde o início de sua criação são ministradas aulas de anatomia animal e educação ambiental, onde são utilizados apenas animais domésticos. Por ser uma atividade frequente no laboratório, o museu sempre recebeu essas peças. Todavia, elas foram se

acumulando e então foram separadas em coleções. Dessa forma, parte dessas coleções formou o acervo inicial dessa instituição.

Esse museu é um projeto do Decanato de Extensão da UnB, e recebe recursos financeiros do CnPQ. Na opinião do coordenador, o intensivo aumento de peças no acervo pode justificar, não somente a existência desse museu dentro da UnB, como também sua importância para o fomento das atividades do MAV.




FIGURA 8 - Sala de Exposição do MAV

Fonte: Mônica Imai

O museu não possui política de aquisição e descarte. Como dito anteriormente, as aquisições são vistas de forma muito positiva pelos atuais funcionários do MAV, e por isso eles sempre aceitam todas as peças enviadas à instituição. O descarte ocorre somente quando a peça encontra-se num nível de degradação irreparável.

No ano de 2010, o museu recebeu uma grande quantidade de peças do IBAMA. Eram cadáveres de diversos animais. O museu decidiu então registrar essas peças. Todavia, esse registro era falho, pois apresentava apenas as categorias: nome, remetente e objetivo. Como mostra na figura seguinte:

1



Data	Nome Comum	Nome Científico	Remetente	Objetivo
5/11/2010	Bacurimbo		Patologia	Taxidermia
5/11/2010	Yma-Peto		Patologia	Taxidermia
5/11/2010	Pitiquari		Patologia	Taxidermia
6/11/2010	Periquito de encosto ^{maúdo}		Patologia	Esqueleto
6/11/2010	Periquito estrela		Patologia	Esqueleto
6/11/2010	Trinca-ferro		Patologia	Esqueleto
6/11/2010	Bandeira indadeira		Patologia	Esqueleto
6/11/2010	Pássaro-preto		Patologia	Esqueleto
6/11/2010	Galo de campina		Patologia	Esqueleto
11/11/2010	Suindara		Patologia	Esqueleto
11/11/2010	Papagaio ^{do crânio} galego		Patologia	Esqueleto
11/11/2010	Sabão-bico de ouro		Patologia	Esqueleto

FIGURA 9 – Livro Registro do MAV

Fonte: Mônica Imai

Conforme observamos na figura anterior, a categoria “objetivo” era algo que se pretendia fazer com a peça. Todavia, César relatou que muitos desses animais que estavam presentes no registro foram descartados.

Devido a esse descontrole de saber realmente quais objetos realmente compõe o acervo e os que não estão presentes, a equipe do museu interrompeu o registro dessas peças e utilizou-se de uma dessas categorias para compor as coleções. Segundo César Leão, as coleções são formadas, a partir da categoria “objetivo”. Ou seja, as peças que são consideradas pelo funcionário dentro dessa mesma categoria, formam uma coleção, e assim sucessivamente.

Segundo a entrevista dessa pesquisa, realizada no Museu. Apesar dessa instituição não apresentar em documento, os critérios definidos para compor essas coleções. Eles existem na prática. Além da formação das coleções pela categoria “objetivo”, a instituição constitui as coleções de acordo com a técnica. Um exemplo de técnica que é muito utilizada nesse local é a Taxidermia.

No mesmo contexto, observamos que devido a essa falta de documentação do acervo, muito da história desses objetos foi perdida. Por isso, o critério de formação das coleções tem um caráter de classificação científica desses objetos. Mesmo a equipe da instituição não possui muitas informações específicas sobre os mesmos.

Como dito anteriormente, a instituição não faz o registro das peças. O controle da entrada e saída desses objetos depende, basicamente, da memorização dos objetos pelos dois profissionais do museu. O número escasso de profissionais necessários para exercerem as atividades do MAV, a entrada cada vez maior de peças no acervo, e a tentativa anterior de registro mal sucedida, contribuíram para que houvesse esse descontrole.

Havia outra equipe, no início da história do MAV, que catalogou algumas peças. César Leão afirma que os funcionários que realizaram a catalogação dessas obras, não atuam mais no museu. Esses objetos receberam uma etiqueta contendo siglas de letras e números. Como mostra na figura seguinte, na qual verificamos um objeto catalogado na antiga gestão:



FIGURA 10 –Objeto do acervo do MAV

Fonte: Mônica Imai

Os próprios funcionários atuais da instituição não sabem o significado dessa classificação, porque não foram repassadas as informações para as equipes que a sucederam.

Quanto ao acervo dessa instituição, o museu normalmente recebe doações do IBAMA, Polícia Ambiental e Zoológico. Uma característica peculiar do acervo desse museu, é que todas essas “obras”, por serem restos mortais de animais. Necessitam de uma intervenção em todos os objetos que compõem o acervo do Museu, para que possam ser expostas. Pode ser encontrada, uma diversidade de animais e inclusive peças anatômicas.

Por estar localizado juntamente ao Laboratório de Anatomia Veterinária, todo o processo de conservação e restauro das obras são realizadas nesse local. O laboratório também funciona como uma reserva técnica do museu, ou seja, os objetos que não se encontram expostos, são guardados no espaço do laboratório. Nesse sentido, o laboratório possui divisões: um local onde ocorrem as aulas, uma parte onde são feitos os restauros e atividades de conservação nos objetos e um espaço de guarda para o acervo não exposto.

Segundo o observado durante a visita ao museu, o ponto forte dessa instituição é a área de conservação e restauro. César Leão afirmou que sempre houve uma preocupação em manter as obras em boas condições de conservação, e que o descarte só é realizado quando não existem possibilidades de intervenção. De forma geral, o acervo encontra-se em bom estado de conservação, pois, na maioria das peças não há sinais visíveis de degradação.

Antes que o MAV receba as obras, elas são encaminhadas primeiramente ao setor de Patologia, onde é realizada a elaboração do laudo de morte desses animais. Somente após a elaboração desse documento, essas peças são enviadas ao museu. Ao serem recebidas no museu, os funcionários do MAV primeiramente verificam as condições das obras. Nesse momento, somente as peças que possuem danos irreparáveis são descartadas. As peças em melhores condições vão para o acervo do museu e as demais são utilizadas como auxílio nas aulas de Anatomia Veterinária e outras disciplinas ministradas pela Faculdade de Medicina Veterinária.

Em relação ao ensino, são ministradas aos alunos do curso de Medicina Veterinária, as aulas práticas de Anatomia Veterinária e Educação Ambiental, no laboratório do museu. Ainda nesse contexto, o MAV recebe estagiários, os alunos do curso de Medicina Veterinária, que auxiliam em algumas atividades relacionadas ao acervo. Todos os estagiários são remunerados, não existe atualmente nenhum voluntário.

Na pesquisa, o diretor do museu que é professor do mesmo curso, orienta os discentes do curso de Medicina Veterinária nos PIBIC's. Pesquisadores que não fazem parte da equipe do museu, também realizaram trabalhos envolvendo o acervo do MAV.

Quanto às atividades de extensão, essa instituição desenvolve um projeto de museu itinerante, voltado para escolas. Esse projeto tem o objetivo de transmitir noções de anatomia animal e educação ambiental. A equipe do MAV leva o acervo da instituição às escolas carentes que possivelmente teriam dificuldades de visitar o espaço do museu.

Segundo o coordenador do acervo, o Museu não é muito divulgado. Entretanto, os funcionários da instituição consideram importante o empréstimo de obras para exposições fora do espaço do MAV. César Leão compreende essa prática como uma forma de divulgação desse acervo e também do próprio museu. Em relação ao público do MAV, a maioria são pessoas relacionadas à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária. A instituição, eventualmente recebe visitas escolares, através do agendamento prévio.

Apesar dos problemas existentes no MAV, os profissionais desse museu conseguem estabelecer um consenso entre si na divisão das atividades da instituição. Entretanto, César considera necessário haver algumas mudanças na forma da gestão das coleções e da instituição como um todo, para que a mesma esteja dentro dos padrões da Museologia. Por isso, ele sempre busca parcerias para trazer novos conhecimentos, que podem melhorar a gestão do MAV

3.4 Gestão das coleções da Casa da Cultura da América Latina

3.4.1 Histórico da Instituição

A CAL foi criada em 1987. Contudo, somente no ano seguinte, quando é divulgado o Ato da Reitoria nº 757, de 28 de dezembro de 1988, sua criação é oficializada:

Criar a Casa da Cultura da América Latina com responsabilidade de desenvolver intercâmbio cultural com os demais países da América Latina e do Caribe, organizando outrossim, planos de ação conjunta, envolvendo promoções culturais continuadas ou eventuais que venham a ser propostas em seu âmbito (Ato nº 757, de 28 de dezembro de 1988. UNB).

Mesmo antes de sua criação, já havia uma discussão sobre a importância da universidade adquirir uma coleção de peças, que mostrasse a riqueza cultural da América Latina.

A CAL é um espaço dedicado à preservação de acervos e a promover arte, em todas as suas frentes de criação e linguagens. Sua missão é a divulgação da cultura latino-americana e recentemente, a cultura africana.

Com o intuito de estender os conhecimentos da própria universidade e também divulgar seu patrimônio, o ex- reitor da UnB, Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque, determinou que a CAL fosse instalada fora do campus da UnB. O local onde a instituição está localizada é um prédio pertencente à UnB, o edifício Anápolis. Está situado fora da universidade, num local de grande circulação de pessoas, no Setor Comercial Sul.

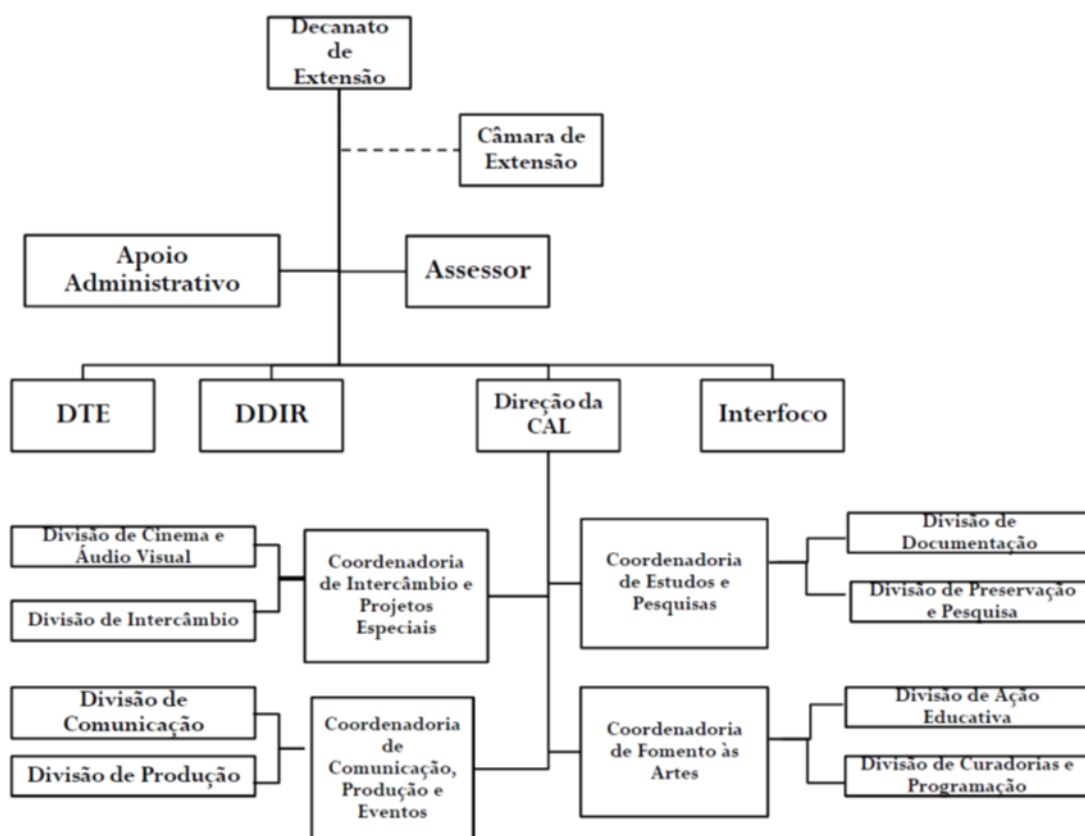


FIGURA 11 – Organograma do Decanato de Extensão da UnB

Fonte: Site do Decanato de Extensão da UnB

Conforme a figura anterior, podemos observar que a CAL constitui-se como uma das diretorias do Decanato de Extensão. Possui em sua divisão interna, quatro coordenadorias e suas respectivas subdivisões, nas quais tratam de áreas mais específicas da instituição. Quanto ao espaço físico da Casa da Cultura, estão presentes três galerias de arte, uma no subsolo,

outra no segundo andar e também a galeria de bolso, que remete a uma vitrine, e encontra-se voltada para o lado exterior do prédio, sendo uma forma de atrair público para suas exposições. O andar do térreo possui um auditório, onde funciona o Cinema da CAL (CineCAL).

Quanto ao público da instituição, apesar da mesma se encontrar fora do campus da UnB, grande parte de seus frequentadores é composta por pessoas diretamente ligadas à Universidade, como professores e alunos. Também por pessoas interessadas na questão latino-americana, estrangeiros, principalmente de países da América do Sul.

O Acervo da CAL pode ser dividido entre obras de arte Moderna e Contemporânea, coleções Etnográficas e objetos da Cultura Popular. Desde o início da sua criação havia um debate sobre a constituição de um acervo que atendesse à missão da instituição, ou seja, na divulgação da cultura Latino-Americana, e que também mostrasse sua diversidade cultural, promovendo discussões sobre essa cultura. De modo geral, o acervo da CAL foi adquirido basicamente por meio de doações de instituições e artistas e tem cerca de 1400 peças.

Segundo dados de entrevista, o acervo de Arte Popular foi o primeiro a ser incorporado na CAL. Essas obras foram expostas como uma das atrações do Festival, em uma mostra de artesanato Latino- Americano. Diversos países que participaram desse evento também trouxeram obras para a mostra. Ao término do festival, muitas dessas peças permaneceram em Brasília e, posteriormente foram doadas para a UnB. A CAL ficou então como responsável por essas obras, constituindo então como núcleo inicial do acervo da Casa da Cultura. Essa ampliação, segundo Anelise, não foi muito significativa do ponto de vista quantitativo. Nesse contexto, dentre os países representativos, estão: o México, Equador, Paraguai, Bolívia, Costa Rica, apesar de não existir, como um todo, peças dos países da América Latina em sua totalidade. Esse acervo foi se ampliando. Primeiramente em decorrência do segundo FLAAC e, mais tarde, através de doações de embaixadas.

Posteriormente, integraram- se a esse grupo, o acervo Etnográfico. Conhecido atualmente como Coleção CAL, uma das subcoleções que a compõem é a *Chocó*, formada pelos grupos *Waunama* e *Cuna* e mais tarde, por duas coleções: Coleção Galvão e Coleção (Centro Nacional de Referência Cultural) CNRC. Representaram um importante desafio para área do Acervo, quanto à conservação dos materiais específicos, o tratamento documental das coleções, os trabalhos de pesquisa, a divulgação e sua apropriação pela comunidade.

Apesar da grande diversidade do acervo, a maior parte é composta por obras de papel e possui obras de artistas de renome, como Tarsila do Amaral, Oscar Niemeyer, entre outros.

Quanto ao acervo de Arte, nenhuma obra de arte foi doada no primeiro FLAAC e no segundo FLAAC. Segundo a coordenadora do acervo da CAL, ocorreram algumas exposições, cujas obras retornaram para as suas instituições de origem ou para os próprios artistas.

O Acervo de Arte possui pouco mais de 400 peças e podem ser encontrados trabalhos de Athos Bulcão, Lívio Abramo, Tarsila do Amaral, Volpi, Cícero Dias, Rubem Grilo, Maciej Babinski, Rubem Valentim e Oscar Niemeyer. Entre outros nomes nacionais e artistas de outras nacionalidades como Pedro Pablo Oliva (Cuba), Graziela Iturbide (México) e Juan Loyola (Venezuela).

A primeira obra foi doada através de uma exposição que aconteceu na CAL. Nesse contexto havia um incentivo para que os artistas participantes das exposições doassem uma obra para a instituição. Pelo fato de não possuir uma política de aquisição. Essa prática, num determinado momento foi uma das formas de composição do acervo da Casa da Cultura, como relatou Anelise Ferreira. A CAL possui diversas obras do momento inicial da Coleção de Arte que resultaram dessa prática. Apesar da mesma não estar mais em vigor nessa instituição.

3.4.3 O Fundo Stella Maris

Outra coleção da CAL é o Fundo Stella Maris. Segundo Anelise Ferreira, a artista tem uma relevante importância na história da CAL e da UnB. Ela atuou na coordenação do primeiro FLAAC. Além de ter sido professora no Instituto de Artes (IdA) da UnB, durante muitos anos. Produziu obras de reconhecimento nacional, internacional e representativas da memória do próprio Instituto e da universidade, daquele período.

No ano do falecimento da artista em 2001, a família decidiu transferir o acervo pessoal de Stella para a UnB, para a avaliação do mesmo, inventário e encaminhamento do processo de doação.

O Centro de Documentação da UnB (CEDOC) recebeu a documentação pessoal e profissional da artista, catálogos, fotografias e recortes de jornais. A documentação foi processada por tipologia que resultou em torno de 30 caixas-arquivo.

A Casa da Cultura da América Latina realizou o inventário das obras de arte, esboços, obras coletivas e esboços de Stella e tomou as primeiras medidas para conservação das obras.

A CAL também recebeu parte de sua biblioteca e outros materiais como disquetes, fitas VHS e cassete, ferramentas e materiais de trabalho.

Em agosto de 2007 ocorreu uma cerimônia oficial de doação, no Salão de Atos da Reitoria da UnB. Os documentos permaneceram sob a responsabilidade do Centro de Documentação da UnB, e as obras e os livros sob os cuidados da Casa da Cultura da América Latina (CAL/DEX).

3.4.4 Reserva Técnica e Conservação do Acervo

A CAL possui 3 salas destinadas à reserva técnica. Duas salas com o acervo de obras de arte sendo uma contendo em sua maioria obras com suporte papel e outra com pinturas e matrizes. Uma sala abriga as coleções etnográficas.

Existe também o controle de temperatura e umidade nesses espaços. Também possuem as janelas com cobertura para evitar que o acervo sofra com a exposição à luz solar. Esses espaços permanecem na maior parte do tempo, com as luzes apagadas, para diminuir os efeitos de degradação luminosa ao acervo.

De forma geral, o acervo encontra-se em um bom estado de conservação. No caso de alguma peça estar em más condições de conservação, a mesma é isolada em outro local e é devidamente tratada, para que possa estar juntamente com o restante do acervo.

A instituição possui um espaço amplo para a guarda do acervo, no entanto, uma ressalva é a quantidade de peças que a instituição está comportando. Os espaços de guarda desse material encontram-se com grande número de obras, dificultando até mesmo a circulação dos funcionários, podendo, dessa forma, apresentar um risco ao acervo.

A equipe responsável pelo acervo da CAL faz a higienização das obras e não possui restauradores, entretanto, se for averiguada a necessidade de uma restauração, a instituição pode solicitar um serviço de restaurador. A Casa da Cultura também conta com o apoio da Biblioteca da Universidade de Brasília, onde possui um laboratório de conservação e restauração. Também está disponibilizado no site da biblioteca, um acesso às informações das obras do acervo da CAL, pela busca ao catálogo.

3.4.5 Documentação Museológica

Todas as peças são inventariadas e possuem registro fotográfico. A Coordenação realiza um inventário anual de todas as peças e mantém atualizado o cadastro geral do acervo. O tombamento das peças é realizado pelo CEDOC da Universidade de Brasília.

Todavia, a CAL não dispõe de um sistema informatizado de gerenciamento das informações. Isso ainda é uma meta nessa instituição. Pretende-se adotar o sistema de gerenciamento desenvolvido pelo IBRAM. A CAL utiliza as planilhas virtuais, onde estão presentes as principais informações dos objetos, fotografias e quantitativo dos mesmos.

Paralelo a essas planilhas, os documentos físicos encontram-se divididos por coleção nas pastas, no caso dos acervos etnográficos. Em relação às obras de arte, a divisão é feita de acordo com o respectivo artista.

3.4.6 Exposições

A CAL possui três galerias de arte, onde são realizadas exposições temporárias. A CAL incentiva a divulgação de novos artistas. A ocupação das galerias é definida por meio de uma convocatória. É feita uma programação anual das exposições, através de uma seleção dos artistas por uma comissão da CAL. A inscrição dos candidatos é feita pelo envio do portfólio.

Anteriormente, a Casa da Cultura focava suas exposições nas Artes Visuais. Atualmente, a instituição tem como meta, a ampliação do uso das galerias a outras expressões artísticas.

3.4.7 Ação Educativa e Cultural

A instituição não possui um setor educativo, mas desenvolve diversos projetos culturais. Entre os projetos que ocorrem regularmente na programação da Casa, podemos citar como exemplo, o CineCal, que funciona no auditório da CAL e o Sarau, que é realizado no museu Nacional.

O CineCal é um projeto que teve início em 2008. Exibe filmes em grande parte dos países da América Latina, África e Península Ibérica. Funciona às quartas e quintas, e tem como objetivo principal, atrair um novo público à cultura e ao lazer. A maior parte da programação é composta por temas que se relacionam com os países latino-americanos. Entretanto, também são exibidos filmes de outros países, que igualmente possuem importância relevante na história do cinema mundial.

A maior parte do acervo de filmes em exibição pertence ao coordenador do projeto, Antonio Carlos Maranhão. Eventualmente, algumas embaixadas emprestam filmes a serem exibidos.

Além disso, a Casa, eventualmente, promove outras atividades como: Oficinas de arte, espetáculos teatrais, cursos, palestras, seminários, entre outros. A CAL realiza muitos desses eventos em parceria com instituições como o Museu Nacional da República e o Espaço Cultural Contemporâneo.

3.4.8 Pesquisa

Nesse contexto, surge o projeto “Memórias Visuais”, uma pesquisa interna da CAL, onde foram recuperadas as informações de diversos eventos ocorridos na instituição. Esse trabalho tem o objetivo de otimizar a organização do acervo da CAL e também de fornecer informações necessárias à realização de exposições.

Através desse projeto, foi possível ampliar o conhecimento do acervo para um maior número de funcionários da instituição. Do mesmo modo, propiciou um maior acesso à informação do acervo para as pesquisas externas. Atualmente, existem pesquisas relacionadas à conservação de matrizes e gravuras em metal e xilogravuras.

Outras pesquisas envolvendo a CAL são realizadas com os parceiros internos da UnB, como o Departamento de Antropologia, Instituto de Artes e o Curso de Museologia.

3.4.9 Divulgação

A CAL sempre teve uma preocupação em divulgar o acervo, para facilitar seu acesso por pesquisadores, por outras instituições e à comunidade.

A divulgação pode ocorrer através da realização de exposições, empréstimo de obras para outras instituições e através das informações sobre as coleções, que estarão disponibilizadas no site institucional da Casa da Cultura. Anteriormente, a CAL possuía um site institucional, mas o mesmo encontra-se indisponível. Todavia, existem planos para a implementação de um novo site. Quando o mesmo estiver pronto, será possível acessar as obras da CAL, o que possibilitará uma maior visibilidade do acervo ao público.

Existem outras propostas de divulgação, ainda em vigor, como a inclusão do acervo de arte no sistema Online da BCE. Porém, necessita ser atualizado, pois contempla somente alguns objetos do acervo.

A CAL também realizou o projeto “PETISCOS”, de mídia indoor. Nesse trabalho foram mostrados à comunidade, diversos objetos que são considerados pela Casa da Cultura como os mais representativos ao longo de sua história.

O acervo da CAL também é divulgado na publicação de catálogos. Nesse contexto foi produzida a publicação da editora da UnB, intitulada como: “O Acervo de Arte”, na qual a Casa da Cultura esteve presente. Na obra foi realizado um levantamento de parte das coleções da Universidade.

3.4.10 Parcerias

A CAL sempre teve parcerias internas dentro da UnB. Como exemplos, podemos citar o CEDOC que é responsável pelo tombamento das obras e a BCE, que empresta o laboratório de conservação e restauração, para a realização das práticas de conservação e pequenos restauros nas peças.

Outras parcerias internas são: o Departamento de Antropologia, Instituto de Artes e Curso de Museologia, através da realização de estágios, pesquisa e atividades acadêmicas.

Externamente, as parcerias acontecem principalmente na organização de mostras como, por exemplo, o Museu Nacional e Museu Vivo da Memória Candanga, onde são realizados diversos trabalhos.

3.4.11 Segurança

A segurança na CAL é feita por funcionários terceirizados. Estão presentes os vigilantes na recepção do prédio Anápolis. Também existem câmeras de segurança no local. No caso de incêndio possui extintores.

3.4.12 Observações quanto à Gestão das Coleções da CAL

A coordenação do acervo da instituição é responsável por supervisionar diversas atividades. Quanto ao acervo, essa equipe faz a administração das coleções, como também as atividades técnicas de conservação do acervo.

Paralelamente, tem a competência de acondicionar o acervo e monitorar as condições internas da reserva técnica. Fazendo a solicitação de materiais e equipamentos, caso haja necessidade.

Talvez o principal problema seja essa falta de funcionários na Área de Coordenação do Acervo. Atualmente, essa unidade encontra-se “solta” com apenas uma pessoa na direção. Isso impede o desenvolvimento de outras frentes e o investimento em áreas como a pesquisa, por exemplo.

Outra questão é a questão burocrática para utilização dos recursos. Há um orçamento anual, previsto pelo Decanato de Extensão da UnB, no qual a instituição é obrigada a seguir para utilizar esses recursos. Isso inviabiliza um planejamento em todas as áreas. Desde o material necessário para a conservação das coleções, passando pela melhoria do sistema de segurança e mobiliário, que otimizaria o espaço físico disponível, visto sua condição precária.

Nesse sentido, a instituição necessita de um espaço maior para a guarda do acervo. Quanto à documentação do mesmo, é essencial a presença de um sistema que se adeque às suas especificidades.

Outra ressalva quanto à CAL, é que se tenha uma política de acervo definida, que consolide sua identidade e a missão, seu sentido de sua existência dentro da universidade e que também viabilizará o desenvolvimento de ações como: a ampliação do acervo e descarte, programas de divulgação e acesso, pesquisas, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da apresentação da gestão das coleções, podemos resumir as principais características estudadas, no seguinte quadro:

		Instituição			
		Museu de Anatomia Humana	Museu de Anatomia Veterinária	Museu de Geociências	Casa Da Cultura Da América Latina
Principais características	Fator de Origem Da Instituição	Coleções Didáticas	Coleções Didáticas	Coleções Didáticas	Prevista no Estatuto da UnB
	Vínculo Institucional com a UnB	Faculdade de Medicina/UnB (Área de Morfologia)	Faculdade De Agronomia e Medicina Veterinária	Instituto De Geociências	Diretoria Do Decanato de Extensão
	Política de Aquisição e Descarte	Não há	Não há	Não há	Não há
	Critério de Divisão das Coleções	Técnica de Dissecção	Técnica de Preparo das Peças	Conforme a Procedência e tipologia das peças	Dividido entre obras de arte Moderna e Contemporânea, coleções Etnográficas e objetos da Cultura Popular
	Base de Dados	Não há	Não há	Não há	Não há
	Registro de Objetos	Sim	Não	Sim	Sim
	Regimento Interno	Não	Não	Do Instituto de Geociências	Não
	Falta de Profissionais Específicos	Museólogo, Arquivista e Técnico Administrativo	Museólogo	Museólogo	Museólogo
	Reserva técnica	Sim. Ossário	Sim. Laboratório de Anatomia Veterinária	Sim	Sim

FIGURA 12 – Tabela Resumo da Gestão das Coleções

Ao buscarmos no Colecionismo, as origens das Coleções Museológicas Universitárias. Continuaremos reafirmando em nosso tempo, a relação indissociável entre coleções e museus. Visto que, o Colecionismo figura-se como um dos possíveis elementos formadores do museu contemporâneo. (ALMEIDA, 2001).

Nesse sentido, o museu sempre esteve associado aos objetos e coleções. Sendo essas consideradas, tanto como um elemento formador dessa instituição, como a finalidade de suas atividades. Em conformidade com as concepções desses autores, podemos afirmar a existência de características herdadas pela prática colecionista. Presentes nas instituições museológicas escolhidas para análise nessa pesquisa. (MAIRESSE; DESVALLÈES, 2013; POSSAS, 2005:156)

Tal característica verifica-se na origem dessas instituições. Os três Museus: Anatomia Humana, Geociências e Anatomia Veterinária formaram-se em decorrência das coleções didáticas, desenvolvidas por professores dos institutos e departamentos da UnB. Com exceção da CAL, pois sua criação já estava prevista, anteriormente, no Estatuto da UnB. Mesmo antes que a Casa da Cultura recebesse sua primeira coleção, em ocasião do primeiro FLAAC.

O Colecionismo fundamenta-se através da atividade de acumular objetos. O museu, por sua vez, é reconhecido por Padilha (2014), como sendo uma instituição colecionadora. Nesse sentido, destacamos o Museu de Anatomia Veterinária, por seus gestores considerarem a aquisição de objetos somente de forma positiva. Duarte e Cândido (2014) ressaltam a necessidade de se estabelecerem políticas específicas de aquisição para cada museu. Visto que, sem a existência das mesmas, pode haver discordâncias entre a missão da instituição, comparando-as com seu respectivo acervo.

Outra ressalva encontrada em todos os casos apresentados verifica-se na documentação museológica. Dessa forma, podemos citar: A falta de base de dados, falta de atualização da documentação e o caso de abandono das práticas de documentação dos objetos, verificado no Museu de Anatomia Veterinária. Para Novaes (2000:4): “Um museu que não possui suas coleções devidamente documentadas não poderá cumprir suas funções de gerador, comunicador e dinamizador de conhecimento junto ao patrimônio e à sociedade, enfim não será útil a seu público”.

Tendo como bases, o trecho acima e a definição de museus do ICOM, de 2007. O museu, ao perder sua utilidade para o público, terá desacordos com sua própria definição, que os considera como:

“(...) uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite”. (ICOM, 2007)

Outro aspecto negativo, presente em todas as instituições, seria o escasso número de funcionários. Dessa forma, podemos citar o Museu de Geociências. Por haver nessa instituição, uma falta de profissionais específicos, os estagiários realizam os trabalhos concernentes aos mesmos.

Todavia, essa situação demonstra um desacordo com a Lei 11.788, de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre o estágio de estudantes. O art. 5 determina que o estudante deva receber um acompanhamento administrativo, pelos devidos profissionais.

É válido ressaltar ainda, o problema da falta de recursos financeiros, necessários para realizar as atividades das instituições museológicas da UnB. Segundo Almeida (2001), essa situação é decorrente de museus universitários, em vários países. Visto que, essas instituições:

(...) vêm sofrendo as consequências da crise das universidades que, públicas ou privadas, têm enfrentado grandes problemas decorrentes da diminuição de suas verbas. Assim, a já pequena parcela dos museus dentro do orçamento geral da universidade está cada vez menor. Para manter seu funcionamento, os museus precisam criar mecanismos para obtenção de patrocínio e financiamentos externos, da iniciativa pública ou privada (ALMEIDA, 2001: 4-5).

Complementando o que foi dito acima, outro fator agravante é a burocracia para utilização das verbas provenientes da Universidade. Desse modo, podemos citar o MAH, onde a coordenadora do Museu forneceu recursos financeiros próprios para sanar diversas necessidades do museu. Como a compra de materiais, manutenção de equipamentos, entre outros. Quando não há proventos de terceiros, as necessidades muitas vezes permanecem.

Devemos também ressaltar a ausência de políticas específicas para os museus da Universidade de Brasília. Somente através de sua criação será possível estabelecer uma institucionalização das atividades desses museus. Segundo o relatório de gestão da Política Nacional de Museus de 2003 a 2006: “O estabelecimento e consolidação de políticas públicas

para os campos do patrimônio cultural, da memória social e dos museus visam à democratização das instituições e do acesso aos bens culturais”.

As instituições museológicas analisadas nesse trabalho devem providenciar também, a contratação de museólogo, para que, segundo Ballardó (2005): “Haja um funcionamento mais adequado da instituição e o tratamento mais qualificado do acervo”.

Ainda nesse sentido, para o ICOM, os profissionais de museus necessitam:

(...) ter uma formação universitária, técnica e profissional apropriada e beneficiar de uma formação contínua, por forma a desempenhar cabalmente o seu papel no funcionamento do museu e na proteção do património. A entidade responsável deve reconhecer a necessidade e o valor de pessoal bem formado e qualificado, facultar formação contínua e atualização de conhecimentos, para assim assegurar a competência do pessoal (ICOM, 2001, p. 7).

Apesar da Universidade de Brasília não estar fornecendo, plenamente, os requisitos necessários para as instituições museológicas aqui analisadas, como: a salvaguarda do acervo, recursos humanos e espaço físico. Elas cumprem com a proposta da Universidade, através do ensino, pesquisa e extensão. A diferença, no entanto, ocorre com a ênfase demonstrada por cada uma em relação a esses princípios (ALMEIDA, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-10092003-160231/>>. Acesso em: 2016-03-16.

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. O Colecionismo Ilustrado na Gênese dos Museus Contemporâneos. *Anais do Museu Histórico Nacional*. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 33, p. 123, 2001.

BRASIL. Decreto de 06 de junho de 1818. Crêa um Museu nesta Côrte, e manda que elle seja estabelecido em um predio do Campo de Santa' Anna que mande comparar e incorporar aos proprios da Corôa. In: *Collecção das Leis do Brazil de 1818*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

BRASIL, Ministério da Cultura: **Política Nacional de Museus**: bases para política nacional de museus. Brasília, DF. MINC, 2005. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/documents/10883/38605/bases-para-a-politica-nacional-de-museus.pdf/f5c00b28-d460-4b5b-8342-2b547d2932d6>>. Acesso em: 23 mai. 2016.

_____. **Decreto- Lei n 8.124, de 17 de outubro de 2013**. Regulamenta o Estatuto de Museus, e a Lei 11.906/2009. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=18/10/2013&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=200>>. Acesso em 10 abr. 2016.

_____. **Decreto- Lei n 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0025.htm>. Acesso em: 23 nov. 2015.

_____. **Lei 7.287, de 18 de novembro de 1984**. Regulamentação da profissão de museólogo. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7287.htm>. Acesso em: 23 nov. 2015.

BLOM, Philipp. Ter e manter. Record: Rio de Janeiro, 2003

BRUNO, Cristina. A Indissolubilidade da Pesquisa, Ensino e Extensão nos Museus universitários. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 10, n. 10, 1997.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins-MAST**.(Livro eletrônico), p. 14-25, 2009.

BRUNO, C.. IMPRESSÕES DE VIAGEM: UM OLHAR SOBRE A MUSEOLOGIA PORTUGUESA. **Cadernos de Sociomuseologia**, América do Norte, 9, Jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/294>>. Acesso em: 06 Jun. 2016.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; ROSA, Mana Marques. Entre mastodontes e Frankensteins: caminhos para o delineamento de políticas de acervos em museus. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 24, p. 153-162, 2016.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. **Caderno de Diretrizes Museológicas. Brasília/MINC/IPHAN/Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus**, p. 34-79, 2006.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **O Museu do sagrado ao segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2009. 196 p.

CONSIDERA, Andréa Fernandes. Uma história dos fazeres museais no Brasil entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX: Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi, Museu Paranaense e Museu Paulista. 2015.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In: **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Artmed, 2010.

CURY, Marília Xavier. Novas perspectivas para a comunicação museológica e os desafios da pesquisa de recepção em museus. **Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola**, v. 1, p. 260-279, 2009.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

FARINHA, Ana Maria Antunes. **Gestão de museus de arte: coleção e mediação**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GIL, Fernando Bragança. Museus universitários: sua especialidade no âmbito da museologia. **SEMEDO, A.; SILVA, ACF da. Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: homenagem a Fernando Bragança Gil. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, 2005.

GIRAUDY, Daniele e BOUILHET, Henri. **O Museu e a Vida**. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GIOVANAZ, Marlise Maria. Práticas de coleção: seleção e classificação dos restos do passado. **Anos 90**, v. 7, n. 11, 1998.

IBRAM. **Ficha do Cadastro Nacional de Museus**. Disponível em: <
<http://www.museus.gov.br/sistemas-2/cadastro-nacional-de-museus/como-se-cadastrar/>>.
Acesso em 10 abr. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Como criar Museus**. Disponível em:
em:<[http://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2013/03/ComoCriarMuseu_Orientacoes.p](http://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2013/03/ComoCriarMuseu_Orientacoes.pdf)
df />. Acesso em: 20 nov. 2015.

JULIÃO, L. **Apontamentos sobre a história do museu**. Caderno de Diretrizes
Museológicas. Brasília, IPHAN, 2002.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 2003.

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e
transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes Antropológicos**, v. 16, n. 34, p. 377-404, 2010.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências
naturais no século XIX**. Editora Hucitec, 1997.

MARQUES, Roberta Smania; DA SILVA, Rejane Maria Lira. **O Reflexo das políticas
universitárias na imagem dos museus universitários: o caso dos museus da UFBA**. Revista
Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio–PPG-PMUS Unirio|
MAST-vol, v. 4, n. 1-2011, p. 63, 2011.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, v. 20, p. 13-
23, 2005.

MARTINS, Ubirajara R. **Museus universitários**. Rev. Bras. Zool., Curitiba, v. 5, n. 4, p.
623-627, 1988. Disponível em:
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81751988000400013&lng=en&nrm=iso)
81751988000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Mar. 2016.

MASSUCATE, Yvonne Archanjo. O papel do IPHAN na construção da brasilidade. 2007.
2009.

NOVAES, L. R. Da organização do Patrimônio Museológico: refletindo sobre documenta-
ção museológica. In: Museologia Social, SMC, Porto Alegre, 2000.

PATACA, Ermelinda Moutinho; PINHEIRO, Rachel. Instruções de viagem para a
investigação científica do território brasileiro. **Revista da SBHC**, v. 3, n. 1, p. 58-79, 2005.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a
história natural. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo
Horizonte: Argumentum, p. 151-162, 2005.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio Gomes de. **A construção de um acervo: Obras de arte na Universidade de Brasília.** In: Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar, VI, 2014. Universidade Federal do Piauí. *Anais*. Teresina - PI: UFPI, p.1- 11.

OLIVEIRA, HELENA; S. C. **Museu Paulista da USP: Percursos e desafios.** Estudos Avançados, São Paulo, Vol.25(73), pp.229-240, 01 janeiro de 2011.

RIBEIRO, Darcy. Universidade de Brasília. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. v.36, n.83, jul./set. 1961. p.161-230.

RIBEIRO, S. Emanuela. **Museus em universidades públicas:** Entre o campo científico, o ensino, a pesquisa, a extensão. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, museologia UnB, Brasília, v.2, n.4, mai.2013 <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/9630/7109>>. Acesso em: 14 março 2016.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **A Era dos Museus de Etnografia no Brasil: o Museu Paulista, o Museu Nacional e o Museu Paraense em finais do século XIX.** In: FIGUEIREDO, Betânia; VIDAL, Diana Gonçalves. *Museus: dos gabinetes de curiosidades ao museu moderno*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005. p. 113-136.

SANTOS, M. C. T. M. O Papel dos museus na construção de uma identidade nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 1, n. 28, p. 38-52, 1996.

SILVA, Roberto Ribeiro da et al. Laboratório de Pesquisas em Ensino de Química da Universidade de Brasília–LPEQ/UnB: concepções, relatos e reflexões. 2011.

SUANO, Marlene. **O que é museu.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Casa da Cultura da América Latina.** Disponível em: <<http://www.voupragalera.com.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Exposição a céu aberto.** Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=8360>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Museus e coleções.** Disponível em: <http://www.unb.br/servicos/para_a_comunidade/museus_e_colecoes>. Acesso em: 10 abr. 2016.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Universidade Das Artes.** Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=9397>>. Acesso em 13 mar. 2016.

ANEXOS



Universidade de Brasília

Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Museologia

Brasília, 15 de abril de 2015

Assunto: Espaços Museais - UnB

Decanato de Extensão
Prof.^a Dr.^a Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

Sr.^a Decana,

Seguindo orientações da Direção da Faculdade de Ciência da Informação e do Corpo docente do Curso de Museologia, encaminho lista provisória dos espaços museais da Universidade de Brasília.

Informo, igualmente, que há professores do Curso envolvidos em Projetos de Iniciação Científica e Planos de Atividades Complementares que buscam identificar outros espaços, acervos e coleções de natureza museológica.

Museu de Anatomia Humana

Museu de Anatomia Veterinária

Experimentoteca

Herbário

Museu de Geociências

Museu Virtual de Ciência e Tecnologia

Observatório Astronômico

Observatório Sismológico

Coleções da Zoologia – Aracnídeos, Aves, Herpetológica, Insetos, Mamíferos,
Moluscos, Termitológica

Ana Lúcia de Abreu Gomes
Coordenadora do Curso de Museologia
FCI/UnB

Termo de Autorização de imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Pelo presente documento, eu, Cesar de Lima Borges Leão,
portadora do CPF 036.614.561-48 autorizo, a aluna do curso de graduação em
Museologia da Universidade de Brasília, MÔNICA FUMIKO IMAI, portadora do RG
110013875-7 MD/DF e CPF 02595687085, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada,
primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou
ainda em outros projetos de pesquisa ou publicações, sem limitação de ou tempo ou número de
exibições.

Dessa forma, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos
termos acima descritos, da minha imagem e som de voz na entrevista concedida no
dia 08 / 08 / 2016 à aluna Mônica Fumiko Imai.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela
pesquisa e a outra com o (a) participante.

Cesar de Lima Borges Leão

Assinatura do (a) participante

Mônica Fumiko Imai

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Termo de Autorização de imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Pelo presente documento, eu, Juliana Pereira Sales Castro,
portadora do CPF 036.900.261-05 autorizo, a aluna do curso de graduação em
Museologia da Universidade de Brasília, MÔNICA FUMIKO IMAI, portadora do RG
110013875-7 MD/DF e CPF 02595687085, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada,
primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou
ainda em outros projetos de pesquisa ou publicações, sem limitação de ou tempo ou número de
exibições.

Dessa forma, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos
termos acima descritos, da minha imagem e som de voz na entrevista concedida no
dia 12 / 08 / 2016 à aluna Mônica Fumiko Imai.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela
pesquisa e a outra com o (a) participante.



Assinatura do (a) participante



Assinatura do (a) pesquisador (a)

Esse questionário foi retirado da tese de doutorado de Adriana Mortara Almeida.

ALMEIDA, Adriana Mortara. *Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?*. São Paulo, 2001.

LEVANTAMENTO DE DADOS DE COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS

Caracterização

1. Designação oficial:
2. Endereço:
3. Ano de fundação:
4. Instituição mantenedora:
5. Unidade da universidade a qual pertence:
6. O museu tem regimento? Data:
7. Breve histórico do museu:
8. Objetivos institucionais:
9. Qual a área cultural/científica abrangida pelo museu ou coleção?
10. Qual a relação do museu com os departamentos afins?

Recursos Humanos

11. Responsável pelo museu ou pela coleção:
12. Qual é a estrutura científica? Como é o organograma do museu?
13. Há funcionários contratados exclusivamente para atender ao público? Quantos? Em que funções?
14. Número de funcionários: pessoal técnico / científico:
pessoal administrativo:

outros: _____ :

Total:

15. São utilizados serviços de terceiros? Quais?
16. O museu tem estagiários? Em que áreas? Quantos?

Observações:

Recursos Financeiros

17. O museu tem verbas próprias anuais?
18. Qual a procedência das verbas?
19. Como são constituídas as coleções? (através de aquisições, doações, etc.)

Instalações

20. As instalações são próprias? () cedidas () alugadas () em construção ()
21. Quais são suas principais características?
22. Como está distribuído o espaço entre recepção, área científica, área administrativa, área de exposições, reserva, biblioteca, auditórios, etc.? (se possível anexar planta)

outros: _____ :

Total:

15. São utilizados serviços de terceiros? Quais?
16. O museu tem estagiários? Em que áreas? Quantos?

Observações:

Recursos Financeiros

17. O museu tem verbas próprias anuais?
18. Qual a procedência das verbas?
19. Como são constituídas as coleções? (através de aquisições, doações, etc.)

Instalações

20. As instalações são próprias? () cedidas () alugadas () em construção ()
21. Quais são suas principais características?
22. Como está distribuído o espaço entre recepção, área científica, área administrativa, área de exposições, reserva, biblioteca, auditórios, etc.? (se possível anexar planta)

23. Há instalações / salas exclusivas para atendimento do público? Com que tipo de equipamento?

Acervo

24. Qual é a natureza das coleções e quantidade?
25. Há profissionais de documentação? Quantos?
26. Há profissionais de conservação / restauração? Quantos?
27. Há algum setor técnico específico para este tipo de museu? Qual?
28. A coleção está catalogada / documentada?

29. As coleções estão sendo pesquisadas? ☐ Não ☐ Sim

Por pesquisadores ☐ do museu ☐ da unidade

☐ de outras unidades da universidade ☐ de fora da universidade

30. Quais os temas de pesquisa?

Atividades públicas

31. Qual é o horário de trabalho?

32. Qual o horário de visitas para o público?

33. Há biblioteca no museu? Qual a área de especialização e o número de volumes da biblioteca?)

34. Quais as publicações e edições do museu?

35. Há exposição permanente / longa duração? Temática:

36. Organizam-se exposições temporárias? Qual o tema e duração das duas últimas?

37. Oferece programas para o público escolar? Quais?

38. Oferece cursos de extensão, graduação, outros?

37. Oferece programas para o público escolar? Quais?

38. Oferece cursos de extensão, graduação, outros?

39. Quais os outros programas oferecidos ao público?

40. Quais os tipos de público que freqüentam o museu? (estudantes de 1º e 2º graus, professores, universitários, turistas....)

41. Qual a freqüência aproximada de visitantes (anual)?

Observações:

Local:

Data:

Nome e cargo do respondente:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Como surgiram a instituição e suas coleções?
- 2- Quais são as principais dificuldades presentes na área de gestão das coleções?
- 3- Qual seria o melhor modelo de gestão, na sua opinião?
- 4- Quais as implicações na gestão dessa instituição, por pertencer à Universidade?

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA NA CASA DA CULTURA DA AMÉRICA LATINA

Entrevista 1

Entrevistador: Mônica Fumiko Imai

Identidade: 110013875-7

Profissão: estudante

Entrevistado: Anelise Weingartner Ferreira

Cargo: coordenadora do acervo da Casa da Cultura da América Latina

Identidade: 443.313 SSP/DF

Data da entrevista: 01/04/2016

Duração da entrevista: 47min 08 seg

Anelise: A gente tem uma coleção que nós chamamos de coleção inicial essa coleção inicial ela foi formada a partir das peças e objetos que fizeram parte do primeiro FLAAC. Esse festival que tá na origem da CAL, foi a partir dele e foi durante a discussão do próprio festival que foi discutida a própria criação da CAL.. O lançamento da casa da cultura aconteceu em 87. No ano do festival do primeiro FLAAC, apesar da implantação ter sido só em 1988 quando na verdade tem o ato de criação da CAL. Já na primeira discussão sobre a formação da CAL, se falava de que o a CAL teria um acervo que mostrasse da diversidade cultural da América Latina e que seria dentro da CAL exatamente um ponto que ancoraria, digamos assim, muitas das discussões sobre a cultura latino-americana.

Quando teve essa exposição de artesanato latino- americano, na verdade foi uma mostra de artesanato latino americano, muitos dos países que participaram eles trouxeram peças apenas para amostra e depois essas peças retornaram, mas várias peças ficaram e eles se constituíram então como núcleo inicial do acervo da Casa da Cultura. Não é um acervo grande um acervo que teve uma ampliação, mas não foi uma ampliação muito significativa. Na verdade ela tem peças do México, do Equador, que é bem mais significativo, Paraguai, Bolívia, Costa Rica. Enfim, tem de vários países, mas não na totalidade dos países da América Latina.

A essa coleção o segundo FLAAC incorporou algumas peças também e por doações de embaixadas ela foi se ampliando. Mais significativa foi uma doação na verdade um conjunto de papel marché que a embaixada de Cuba doou. Era uma exposição que veio para o Brasil e

acabou ficando aqui e doada para a universidade e então esse seria o histórico, digamos assim, do início, do embrião do acervo da cal.

Mônica: Esse acervo não teria uma tipologia definida?

Anelise: Esse acervo se encaixa como um acervo de arte popular. Na verdade é um acervo de arte popular. Junto a esse acervo veio uma coleção etnográfica que nos chamamos de Coleção CAL, mas que pra efeito histórico da coleção ela faz parte da coleção inicial. São poucas peças acho que 69, que são que foram trazidas pela FUNAI, mas que fizeram parte da exposição. Essas foram expostas no FLAAC no primeiro festival. Quando em 88 saiu o ato de criação estava previsto uma unidade museológica, e entra biblioteca e museu, mas isso nunca foi efetivamente implantado dentro da casa da cultura. O acervo de arte ele não, nenhuma obra de arte foi doada no primeiro FLAAC e o segundo FLAAC. Tiveram algumas exposições de obras mas apenas exposições cujas obras retornaram para as suas instituições de origem ou para os próprios artistas. A primeira obra foi doada por ocasião de uma exposição que aconteceu na cal essa na verdade é uma das formas de composição do acervo de aquisição do acervo num determinado momento havia um incentivo pra que as pessoas que faziam exposição doassem uma obra pra CAL. Isso não existe mais, foi abandonado a mais tempo mas no início nós temos muitas obras do início da coleção de arte que resultam dessa prática de doação de uma obra após uma exposição aqui na CAL. E sobre a questão política como não tinha uma política definida em relação ao acervo, nós temos alguns eventos que colaboraram, digamos assim, para que fosse sendo ampliado e que existisse na verdade um acervo dentro da casa da cultura. Como eu falei anteriormente, nunca foi implantada a estrutura da cal. Ela nunca teve uma estrutura que se ocupasse disso. Então era um núcleo muito pequeno de funcionários, sempre foi um núcleo pequeno de funcionários. Hoje você tem um grupo ainda maior mas era um grupo muito pequeno de funcionários então essa..e muito pequeno também a própria coleção. Ela não era entendida como uma unidade museológica. A cal não foi pensada como um depósito ela quando foi pensada em ter essas unidades como museu e biblioteca, mas sempre voltada pra uma, como a gente fala uma..É na verdade assim a ideia de que você teria um espaço pra refletir, pra pensar a América latina. O museu teria um papel importante dentro desse, principalmente nessa parte cultural o museu teria uma importância dentro desse pensamento. Então e o museu foi pensado em função de bem específico, um tipo de acervo bem específico, que mostrasse a América latina que

mostrasse elementos da Cultura Latina pra cá e isso não acompanhou tanto a história da CAL. Você tem momentos em que por exemplo, o próprio acervo artístico, ele não seguiu o seu caminho...tentando montar uma coleção que tivesse esse perfil. Ele representa muito mais uma história dentro da própria universidade, da cidade do que na verdade representativo da produção artística da América Latina. Na verdade o número de obras de outros países ele é muito pequeno no conjunto do acervo. O mais significativo no conjunto, nas coleções de arte é a própria universidade, exs professores, professores artistas, a cidade e em menor número uma diversidade menor de artistas brasileiros. Muito pequeno o número de obras de outros países da América Latina. Nós temos, mas não eh significativo. Já passei pra história do acervo de arte, mas porque na verdade é um pouco esse o histórico. Nós temos um nucleozinho que começou com algumas obras doadas das exposições que eram realizadas na CAL. O primeiro grande impulso dessa coleção foi o seminário “Indignação maior que o medo violência não”. Na verdade o seminário ele convocou os artistas a doarem obras pra uma exposição, que se chamava o papel da não violência, e essas obras seriam leiloadas ao final do seminário e pra pagar exatamente os custos com esse seminário e houve, pelo próprio tema pelo interesse da questão da violência. Houve um número bem significativo foram uns 49.. É, mas assim...em torno de 45 obras que foram doadas ..como o seminário se pagou não precisou doar então a própria comissão do seminário doou pra CAL que fazia que foi uma das unidades que organizaram o seminário doou pra cal. Então a CAL recebeu esse montante de obras e isso..É e isso aumentou bastante a quantidade de obras e já o próprio olhar pra esse conjunto que antes eram algumas obras dispersas na própria CAL então a questão de local de guarda, de forma de guarda. Enfim, já começou a ser uma preocupação maior porque o segundo andar ele era o que a gente tinha. A gente tinha uma exposição. Não sou desse tempo mais lembro disso. Tinha um exposição no segundo andar com todo material do acervo da cal. Esse material que teve origem no primeiro FLAAC, mais a de Cuba que também foi, fazia parte dessa exposição na verdade. Quando começou a ampliar o acervo e teve a vinda de outras coleções então essa questão de guarda, de mobiliário. Enfim começou a se fazer presente que não tinha no início, no momento inicial da CAL. Esse eh um ponto importante que eu acho que marca em relação a obras de arte, a questão do seminário. Mas a gente teve algumas outras doações também importantes que foi a doação feita pelo Banco Central. Na verdade foram duas doações feitas pelo Banco Central. Numa primeira nós recebemos e aí dentro de uma vocação, digamos assim, mais ligada a própria universidade a doação das obras do Babinski, que foi professor da universidade então o Banco Central fez uma doação inicial

só com as obras do Babinski, gravuras e desenhos e no segundo momento obras de artista mais conhecidos nacionalmente até internacionalmente, como, Tarsila do Amaral, Volpi, Marcelo Grassmann. Também um conjunto de obras que enriqueceu bastante o conjunto restante do acervo. A universidade recebeu duas coleções grandes pessoais de ex-professores. O acervo pessoal da Stela Maris e o acervo pessoal da Marília Rodrigues. São coleções que tem não só obras da artista, mas obras de outros artistas, digamos assim, porque a Stela Maris teve um papel importante dentro da universidade, enquanto coordenadora de um núcleo de gravuras, e ela veio na coleção muito dos trabalhos coletivos que eram realizados, as xilopipas, os calendários, vários álbuns. Então normalmente ou organizou ou teve a organização da Stela Maris ou ela participando do grupo, mas sempre trabalhos coletivos.

Monica: e ela foi uma das coordenadoras do FLAAC, não é mesmo? Ela já participou?

Anelise: É... ela participou do FLAAC. Ela coordenou a área de artes. A coleção na verdade veio eu acho por outro. Essa é uma feliz coincidência, mas ela veio talvez por uma outra, um outro viés. E a Marília Rodrigues vieram obras dela...sim. Só terminando, porque da Stela Maris além das obras do estudos. Porque como é documentação do acervo pessoal vieram muitos trabalhos, muitas pesquisas, muitos esboços. E que é muito interessante pra conhecer todo o processo dela, da produção dela. Como esses trabalhos coletivos que mostram muito de todo um período de todo um núcleo de gravura da universidade. Junto com isso veio parte da biblioteca pessoal dela e os instrumentos de trabalho

Monica: Mas vocês selecionaram ou vocês receberam tudo?

Anelise: É...nesses casos foi montada uma coleção que analisou a ..a proposta de doação foi feito um inventário preliminar .esse inventário foi apresentado a comissão que se formou e que foi decidido pelo recebimento dessa coleção. Esse é o mesmo processo que aconteceu com a Marília Rodrigues também. É... da Marília Rodrigues as obras são formadas por dois núcleos. As obras dela são desenhos e gravuras e as obras dos outros artistas. E nesse, especificamente da Marília Rodrigues como ela teve uma convivência muito grande em Belo Horizonte com os mineiros. Ela, antes de vir para a universidade ela teve no MAM no Rio, num momento importante da gravura brasileira. Ela trabalhou com várias pessoas que despontam como gravadores. É importante essa vinda, porque não só enriquece o acervo em

relação a diversidade, em técnica e mesmo expressiva e de nomes ligados em gravuras. Isso porque uma coisa que devia vir antes, nessa conversa é que o acervo de arte tem uma maioria de obras em suporte em papel. Então a gente fala muito de gravura, gravadores e essa é uma possibilidade maior. Talvez a única possibilidade por questão de espaço, de mobiliário e capacidade e de recebimento as obras de suporte de papel. Hoje isso mudou um pouquinho, mas nesse momento essa era a nossa possibilidade. É...nós temos uma pequena coleção do Paulo Bruscky isso tudo faz parte do de arte mas isso tudo foi sendo .. O Paulo Bruscky foi um encaminhamento dele do artista e os outros dois foi da família. Tanto a Marília Rodrigues quanto a Stela Maris foi a família que fez a doação. Do Paulo Bruscky foi o próprio artista mas são 60, mais ou menos umas 60 obras uns 60 itens eu diria que o dele é mais diverso: tem projetos, umas outras coisas e mais recentemente quando nós fizemos o lançamento do catálogo alguns artistas e professores foram convidados a fazer doação pro acervo e nós tivemos a entrada de algumas obras importantes de professores artistas mais atuais, digamos assim .Então isso foi montando, digamos assim, uma característica, uma tipologia mas sobretudo uma ...(silêncio).

Monica: Uma identidade?

Anelise: Exatamente, uma identidade pro acervo. Foi moldando a identidade desse acervo..Então não foi uma política que antecedeu, mas foi um pouco como ele foi se configurando dentro da própria universidade, e a cal foi sendo solicitada como local de guarda. Nessa solicitação por parte da própria universidade, nós temos, por exemplo, várias obras que...estão dispersas na universidade quando elas saem dos seus, quando elas são movidas do seu local, elas são encaminhadas pra CAL. Situações, como por exemplo, obras que são doadas pro gabinete elas são registradas pela CAL. Então há uma solicitação por parte da universidade em relação ao patrimônio artístico da CAL, da universidade, e mesmo como a universidade não dispõe de outros espaços. Nós estamos, por exemplo, estamos com a guarda de uma coleção que é do IdA, que foi uma doação que foi feita nos 50 anos da universidade do Milton Ribeiro. Nós recebemos pra guarda só porque nós temos algumas outras coleções que através de termo de sessão e uso como uma coleção do IPHAN, mas aí são as coleções etnográficas que a gente pode falar mais separadamente. .Isso aqui eu falei que o núcleo inicial foi formado por parte dos objetos que fizeram parte da exposição do primeiro FLAAC. Nem todos os países que participaram da mostra doaram peças pra compor o que chamamos

de coleção inicial. O acervo de obras inicial logo depois não há obras de arte nesse momento, como já falei, e as obras de arte de outros países da América Latina se dá basicamente, nos primeiros anos da CAL, quando a vocação do acervo e essa vocação põe entre aspas, de promover o conhecimento e a reflexão sobre a riqueza cultural da América Latina tá mais presente. Isso às vezes se afasta. Como eu tava falando agora ela foi sendo requisitada como uma unidade de preservação do patrimônio da UnB. Obras por transferência interna, cadastro de obras que vão ficar em outros espaços, principalmente obras que são doadas pra reitoria. Essas situações são mais recentes e a questão, por exemplo, do Milton Ribeiro que eu acho que é mais uma questão de espaço mesmo mas que coloca um problema pra gente, porque não é uma obra ou duas mais. São quase 200 obras que vieram pra integrar o acervo da universidade, e o Instituto de Artes não tem condições de ficar com a coleção lá. A UnB então, nós tivemos que adaptar nossas condições, que não são tão boas assim pra receber a coleção do Milton Ribeiro mas pra receber a coleção do Milton Ribeiro mesmo sendo só espaço, eu não posso colocar uma coleção na qual eu não conheço as condições, dentro do mesmo espaço das coleções da CAL, por isso, aquele grupo dos estagiários 1 e 2 participaram de um trabalho que nós realizamos do Milton Ribeiro que foi conhecer as condições de conservação das peças pra que elas convivessem com o restante do acervo. Então mesmo sendo só a questão de espaço físico não é tão simples assim, porque espaço físico é compartilhado com as outras coleções. Em relação às coleções etnográficas, nós tínhamos um pequeno núcleo do primeiro FLAAC, que são aqueles 69 objetos das comunidades indígenas que fizeram parte da exposição. Mas nós recebemos, a universidade tinha uma coleção que tava emprestada pro IPHAN. Apesar de que ficou muito tempo no IPHAN. Ela foi pro CNRC, que quando foi devolver ela tava no IPHAN. É uma coleção didática que ela foi montada dentro do departamento de antropologia pelo professor Eduardo Galvão e alguns pesquisadores como Pedro Agostinho. Tinham alguns pesquisadores independentes e ela ficou ela foi em 77 ela passou pra guarda do CNRC, e em 2002 a universidade recebeu de volta essa coleção, nas condições que ela está. Então quando nós...a universidade requisitou e foi receber dessa coleção pra universidade, pra cal colocou uma estã nova. Porque é um tipo de coleção que tem uma exigência, digamos assim, em termos de conservação específica, um material que tem grande nível de deterioração, os materiais usados, um material a forma que veio sendo eu não digo guardada, mas era uma coleção que ela...Ela ficou sempre a disposição de exposições então ela tinha um uso muito intensivo, mas foi importante pra universidade receber porque ela fala muito desse momento inicial do departamento de antropologia, de

peessoas que fazem parte dessa própria historia, e é uma coleção que tem um interesse nela enquanto coleção também. Ela foi coletada nos primeiros, bem nos primeiros anos do Parque Nacional do Xingú, com alguns projetos que foram desenvolvidos lá. Então ela tem na sua composição, itens objetos que são muito interessantes pra história, digamos assim, do patrimônio indígena. Alguns junto com o departamento de antropologia foram feitos alguns trabalhos e alguns trabalhos feitos com as comunidades indígenas que tem esses..Esses objetos foram coletados lá na década de 60, e era muito interessante ver, ainda tá em uso, não tá mais em uso...como eh que eles discutiam um pouco esse patrimônio coletado. Essas questões de retorno foi muito interessante as discussões que se colocou sobre a questão do patrimônio indígena. Essa coleção permitiu que essas questões fossem trazidas pra CAL também, pra dentro da universidade. Junto com a coleção a coleção Galvão é..umas 347 pecas então a história dela, dessa coleção eh uma história que começa em 1963, com o professor Galvão, dentro do departamento de antropologia. Numa ideia de montar uma coleção didática e ela passa a fazer parte da história da CAL em 2002. Quando essa coleção retorna pra universidade. Quando essa coleção retornou pra universidade, o IPHAN solicitou que a universidade recebesse junto, em o termo de sessão de uso a coleção chamada Coleção Etnográfica do CNRC, que é uma coleção que ela estava junto com a coleção Galvão dentro do IPHAN. É tanto eh que quando ela foi catalogada foi catalogada na totalidade as duas coleções 1,2,3,4,5.. As peças foram numeradas independentes de ser de uma ou de outra coleção. Nós fizemos essa separação mas nós trouxemos, a universidade trouxe então a coleção do CNRC que tá em guarda, tá em sessão de uso digamos assim aqui na CAL. Essa coleção do CNRC tem 315 pecas . Não é um fundo muito grande, mas você conhece aqui, você sabe que as condições de espaço de guarda são pequenos. São adaptados, então nos temos um esforço digamos assim. Um esforço pra que essas coleções se mantenham em boas condições e que possam ser apropriadas pra comunidade universitária e aí a gente vai ter outras perguntas sobre a divulgação do uso dessas coleções. E tem uma ultima coleção, que é a coleção Chocó, essa coleção também é uma coleção que ela veio no segundo FLAAC praça, mas ela não..Ela se manteve como uma coleção, ela era uma exposição que percorreu vários museus e veio a Brasília...Essa exposição ocorreu aqui em Brasília. Aconteceu durante o segundo FLAAC e ela ficou em Brasília e a CAL ficou como depositária dessa coleção durante muito tempo, por isso ela nunca ficou como parte da coleção inicial, que era na verdade composta por obras por peças itens que faziam parte do acervo já da universidade. Esse não fazia parte como ela ficou e como ela era. Ela é uma coleção colombiana na verdade.

Ela foi montada por um antropólogo colombiano, Álvares Chaves Mendonça, era o nome dele. Ele já falecido...Ela veio pra cá em 89 então ela já tem um tempo relativamente grande aqui em Brasília ela ficou com a embaixada. A embaixada ficou concomitante com essa guarda depois passou pra ser guarda da CAL. E ela tem 163 peças, não eh uma coleção grande. Então eu acho que nós consideramos como as coleções etnográficas a Coleção Galvão, CNRC e Chocó. Chocó nós somos depositárias. A origem dela é a vinda da exposição da Colômbia para Brasília. Na verdade depois percorreu alguns outros museus da América Latina e...Ela ficou no Brasil, ficou em Brasília e ficou sob a guarda da CAL e ela na verdade, elae ficou sob a guarda da CAL, e a partir de então, o gerenciamento da coleção é o gerenciamento do inicio partilhado entre a embaixada e a cal e atualmente só pela CAL. Esse gerenciamento da coleção. CNRC então eh um termo de sessão de uso. Então a partir de 2002 por solicitação do IPHAN, nós recebemos essa coleção junto com a coleção Galvão que aí foi uma solicitação da universidade de retorno dessa coleção pra universidade também em 2002 ..É...de origem e de arte. Só revisando é essa, como nós conversamos ela foi sendo formada por uma série de episódios ao longo da existência da CAL que culmina com uma coleção bem significativa. Talvez a nossa coleção mais significativa em termos ..É...com a vinda depois da coleção da Stela Maris, do acervo da Stela Maris do acervo da Marília Rodrigues do Paulo Bruscky, o Babinski, com algumas doações posteriores. A do Banco Central completou a coleção de uma forma mais...Ampliou mais a coleção...Enfim ..

Monica: Resumindo, o acervo de uma forma geral foi basicamente constituído por meio de doações e não existem politicas definidas de aquisição e uma comissão decide?

Anelise: Não. Veja bem são duas coisas ..quando a gente tem uma doação, essas doações a universidade monta uma comissão pra discutir a pertinência ou não de receber, por exemplo, uma coleção da Stela Maris foram 293 obras da artista e 199 obras coletivas. Isso é um pacto pra própria universidade em relação a local de guarda, um gasto de manutenção mas uma possibilidade de pesquisa, do acesso dos alunos do curso. Então por exemplo é importante pro próprio departamento. O IdA se pronunciou qual é o interesse do próprio curso de ter uma coleção dessas dentro da universidade, e não tinha Museologia na época mas agora tem a Museologia e a própria Marília...Então é importante que as próprias unidades dentro da universidade para além da CAL se coloquem e discutam a importância ou não da universidade receber essas coleções. Aí que se coloca as coleções. São montadas nesse sentido, nessa discussão. Mas voltando a politica, Não. Não existe uma politica e a sua ultima pergunta era na verdade sobre a relação a gestão da coleção e a minha..Já ia esquecendo e a minha ideia em

relação a isso é exatamente questão da política. Eu acho que na falta na CAL uma definição da política. Porque a partir do momento que ela define qual a política da instituição, do acervo. E nem falo da Casa da Cultura como um todo, mas do acervo da Casa da Cultura. Ela vai viabilizar que se transite nas outras áreas melhor. Tanto na questão das pesquisas, da ampliação do acervo nas políticas de aquisição. O que você vai pensar das políticas de aquisição se vai pensar em políticas de hoje em dia, desincorporação durante a aquisição de desincorporação. Define melhor qual é esse escopo do acervo.

Monica: Isso seria missão, então?

Anelise: Exatamente. Então você tem outras possibilidades de parceria, de projetos, enfim de investir em determinados nichos que hoje ficam muito solto...E isso é um outro grande problema, o acervo ele não tinha ...como nunca foi implantada a estrutura organizacional da CAL. Ah, e mesmo essa área de acervo ela ficava diluída dentro da Casa da Cultura, e mais recentemente, assim nos últimos 10 anos eu diria, mais recentemente que essas...Ficou mais específico o acervo como uma unidade dentro da casa da cultura que tem suas especificidades e que precisa ter pessoal, precisa ter tanta ação, precisa de uma tensão diferenciada dentro do dentro do conjunto da Casa da Cultura. Isso é uma coisa mais recente eu acho que a política a gente coloca toda vez que tem as discussões. A discussão como uma política para o acervo sempre colocado como uma necessidade. Nós ainda não conseguimos mas é sempre colocado como uma necessidade.

Monica: Essas seriam então as dificuldades para a gestão da coleção?

Anelise: É...mas eu coloquei mais coisas..

Monica: Eu queria saber se por ser uma instituição ligada à universidade, você acha que isso traz alguma dificuldade pra gestão do acervo. E se vocês tivessem mais autonomia?

Anelise: Eu diria assim...Tem vantagens e desvantagens. Eu acho que começando pela desvantagem..Eu coloquei exatamente isso que ela não sendo uma...Nós não somos uma atividade fim da universidade, nós estamos dentro de universo que é muito maior. Então nós temos problemas tanto de ordem política. Como eu digo de ordem política eu digo que nas instâncias deliberativas da universidade, dificilmente nós temos voz, nós estamos presentes.

Nós temos uma mediação muito grande até chegar nessas instâncias de deliberação e financeira também. Nós não somos prioridade..Então você tem outras ...a universidade ela tem muitas prioridades. Nós somos apenas um ponto dentro de um universo muito grande. Isso é uma dificuldade, sim.

Monica: Você aponta essa questão hierárquica?

Anelise: É...Eu digo que é exatamente essa questão da autonomia. Na verdade, nós não temos um acesso às instâncias deliberativas. Mas eu digo que em pontos que são muito positivos. O fato de nós estarmos numa instituição em que a produção do conhecimento, a pesquisa, o ensino estão presentes. Nossa, a universidade tem um enorme de especialistas em todas as áreas, ela tem uma especialidade instalada de laboratórios, de ..de...de novo de especialistas que você pode ter contato, mas ao mesmo tempo, os cursos, os alunos. Enfim, você tem toda uma dinâmica que a universidade tem e que é muito bom pra Casa da Cultura, que é muito bom pro acervo. O numero de alunos que vão vir fazer pesquisas , possibilidades de pesquisa que são realizadas principalmente através do IdA, atualmente da Museologia, da Antropologia. Quer dizer, você tem pra história ...Você tem dentro da própria instituição parceiros pra desenvolver o conhecimento sobre a coleção, que é muito bom quando a gente fala que número em pessoal isso é um grande problema prá cá. Quer dizer, em uma pessoa e dois alunos. É muito pouco, mas isso no trabalho direto. Se você amplia o olhar, você tem uma universidade inteira que pode ser seus parceiros que faz parte de uma mesma instituição, que podem somar. Então você pensa em um, mas você pensa também nessa possibilidade maior da universidade... Você colocou aqui sobre a questão das parcerias, eu tinha colocado que a gente tem tanto parceiros externos quanto parceiros internos. Por exemplo, nós não temos laboratório de conservação mas nós sempre utilizamos os laboratórios da universidade. Então antigamente nós usávamos muito o laboratório do CEDOC..Não só o uso do laboratório eh uma coisa que reduz muito a parceria, que era mais na verdade uma troca de profissionais na área de conservação e restauração como hoje nós usamos e temos essa troca interessante e bacana com o laboratório que foi instalado na biblioteca. Então toda essa parte da conservação e da restauração necessária das obras de suporte em papel a gente tem esse aporte da universidade que é importante É..com pesquisa, com o próprio IdA, como eu comentei com o próprio departamento de antropologia. Nós tivemos durante alguns anos, hoje menos. Praticamente a gente não tá com nenhum trabalho em conjunto, mas antigamente nos já

tivemos vários, e agora o departamento de Museologia que se tem tanto os estágios como pesquisas. Enfim, você tá desenvolvendo uma pesquisa aqui e atividades acadêmicas também q são realizadas em parceria. Fora sim. A gente tem algumas parcerias. Algumas parcerias como o Museu Vivo da Memória Candanga, que nós realizamos varias exposições do acervo lá. Nós temos uma parceria com o Museu da República de troca, não só de empréstimo de obras mas de troca também de atividades de trabalhos. E nós tivemos algumas parcerias com os museus dos correios então nós temos sim parceiras com outras instituições.

Bom tem a quantidade que a gente já falou, o histórico das coleções, se existe a divulgação e como é feita foi também uma pergunta que você colocou e essa sempre foi uma preocupação, né...divulgar o acervo e... porque divulgação tá na ponta. Ela tá no início. Ela vai impulsionar uma série de outras atividades, porque ela só sendo conhecida, que vai ser demandado por pesquisadores, demandado por outras instituições em que as pessoas vão poder ter acesso. As coleções sabendo que existem essas coleções. Tá aqui no início...É difícil, mas nem sempre é mais fácil, mas algumas iniciativas que são feitas...Bom, promoção de exposições, exposições da própria CAL. Há uma preocupação de pelo menos uma vez por ano ser realizado algum recorte do acervo, empréstimo de obras. Isso traz essa troca, esse contato com as outras instituições...É importante pra gente participar com outras instituições em nossas coletivas. Essa troca inclusive nos faz conhecer onde você tem outras obras daquele artista na cidade, os que vem de fora, doação que foi feita recentemente do Museu da República. Isso tudo é importante porque tudo isso puxa todo um conhecimento sobre o trabalho daquele artista também. Informações das exposições no site... Nós perdemos nosso site anterior e nosso novo site demorou a sair. Foram alguns anos de espera e finalmente tá pronto. Nós estamos fazendo, alimentando o site e ele vai ter um sistema de busca do acervo. Isso vai abrir o acervo pro mundo, porque hoje em dia todo mundo vai lá na internet e procura e a composição completa do acervo vai tá presente no nosso site. Então vai dar uma visibilidade maior ao acervo.

APÊNDICE B – MUSEU DE ANATOMIA VETERINÁRIA

Degração de Entrevista

Entrevista 2

Entrevistado (a): César Leão

Ocupação: funcionário Técnico, responsável pelas coleções do Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília

Entrevistador (a): Mônica Fumiko Imai

Local: Museu de Anatomia Veterinária – Laboratório de Anatomia Veterinária da UnB

Data: 09/05/2016

Hora: 14h 45 min

Duração: 1 h 01 min 17 seg

Mônica: Será que agente poderia começar com o histórico aqui do museu?

César: Sim. O museu teve início em 2003 né, pelo menos o..quando realmente começou assim formalmente o museu de anatomia porque antes disso era usado apenas o laboratório de anatomia como referência então assim os animais domésticos que ficam na sala de anatomia eram os únicos que eram utilizados..então só tinha o que um cavalo, um bovino, né e esqueletos só e um cachorro. Era pouca coisa como referência de comparação né então o museu traz essa proposta em 2003 que era tanto acrescentar para os alunos esse acervo pessoal para estudo de anatomia, quanto também o trabalho de extensão, de educação ambiental, de atender escolas que venham aqui para poder conhecer exatamente essa parte de taxidermia, de osteologia e as técnicas que agente utiliza aqui. Então a partir de 2003 que realmente começou e aí foi a questão do acréscimo assim agente foi acrescentando pro acervo através dos estagiários durante anos né muito trabalho de estagiário dissecando fazendo peça e acrescentando é cada já vez mais durante esse período todinho até a minha entrada que no caso foi em 2010. E aí como já existia alguma coisa no museu aí agente só foi acrescentando mais ainda taxidermia..mais informação que já tinha começado né.

Mônica: Mas partiu dos professores, vocês pensaram num espaço especialmente para o museu ou foi um espaço meio que improvisado porque foi surgindo?

César: Exatamente. No início foi bem improvisado..só incluí a mesma sala que é hoje, um espaço pequeno que agente tem esperança de aumentar um dia né se aprovado na reitoria..um espaço maior. Mas a princípio foi um improviso do espaço e a professora que inclusive já saiu dessa unidade né, ela foi transferida, foi a grande mentora desse projeto. Você lembraria do nome dela? Sim. Foi a professora Rosane, só não lembro o sobrenome. Era a professora de anatomia da época aí logo o professor Eduardo, que hoje é o chefe né, ele entrou mais ou menos em 2004 e aí ele deu continuidade a essa ideia do museu, ele comprou a ideia. E tocou o barco com a ajuda de estagiários tendo bolsa de CNPQ direcionada pra isso, para compra de material e também pagando a mão de obra dos estudantes envolvidos. É do decanato de extensão né? Exato. E foi basicamente isso a nossa ideia é realmente acrescentar .. esse museu tá cada vez mais apertado porque nos estamos aumentando o acervo pra ter argumentos com a reitoria para aumentar o espaço. Porque também não adianta nada agente requerer um espaço maior sem ter nada a ser colocado, nada a mostrar né. E eu acho que isso é bem válido, agente tá sofrendo um pouquinho com espaço mas logo quando agente tiver a possibilidade... Então o museu, ele tá subordinado a esse instituto né? Você fala o que? De medicina veterinária? É..Eu vi que parece tem uma parceria né? É que a FAV é a faculdade de agronomia e medicina veterinária, então ela é o que rege tudo. Nós somos lotados na FAV então de qualquer jeito tudo que cresce aqui dentro tem relação com a FAV. Você apontaria alguma dificuldade de pertencer a outro instituto, você acha que isso faz com que dificulte a tomada de decisões? Não até que não. Aqui pelo menos a diretora, no caso ela é da medicina veterinária né, a diretora da faculdade, no caso ela rege a faculdade de medicina veterinária e de agronomia só que ela é da medicina veterinária agente tem até mais contato. E o professor Eduardo ele pelo menos nas decisões que ele toma nunca teve muita barreira né pelo menos pra isso. Agente tá tendo dificuldade é realmente conseguir um espaço maior que é algo que demanda muito mais dinheiro. Ele é professor dessa área também ? De anatomia exatamente no caso ele é o responsável pelo laboratório e o museu e tem outro professor de anatomia que é mais pra aula..no caso ele não se envolve muito nessa questão do museu né mas também faz uso das peças, se preciso pega emprestado sem problema nenhum pra usar nas aulas dele, entendeu? É basicamente isso agente vem acrescentando acervo né desde 2003, tem toda aquela dificuldade de você mostrar que vai realmente dar continuidade ao trabalho e agente

quando eu entrei né que não tinha muita taxidermias tinha mais esqueletos e aí foi esse grande salto também pra gente poder acrescentar taxidermia que é uma coisa que quase faltava nesse museu. Estamos até no caso até hoje acrescentando cada vez mais.

Mônica: Aqui vocês tem política de aquisição e de descarte?

César: Então basicamente não. Agente tenta ter um contato com o pessoal do IBAMA, com o pessoal do zoológico, com o IBAMA. O IBAMA sempre recolhe animais atropelados. Só que assim não é algo tão fixo, agente sempre tenta uma coisa fixa que fique perdurando por anos mas sempre é uma conversa aí dá certo de trazerem alguns animais, por exemplo, a polícia ambiental recentemente trouxe um freezer cheio de aves que foi a última grande aquisição que agente teve. Depois disso agente tem tentado contato com o zoológico mas nunca é uma coisa muito certa né documentação quase não existe pra isso agente sempre meio que tenta uma camaradagem com outros órgãos para nos ajudar a compor o nosso acervo então até agora agente não teve um convenio muito bom. Descarte quase não existe agente quase todas as peças por mais que elas se destruam aqui agente tenta manter tudo o máximo possível, pode tá se esfarelado que agente tenta repor material que né pra poder tentar preservar pra não jogar fora.

Mônica: Então essa parte da conservação é feita no próprio laboratório né?

César: Sim, o processo de restauração e conservação são feitos no laboratório. Ah, vocês já fazem a restauração no laboratório. Sim pelo medo de perder porque agente tem de certa forma pouco tempo né perto de um museu tipo museus do Rio de Janeiro de história natural então assim agente quer preservar tudo, tudo que for possível. Peças de 10 anos atrás que agente tem que manter, agente quer manter de qualquer jeito.

Mônica: E aí no caso quais seriam os critérios pra compor as coleções? Quais as coleções que vocês tem aqui?

César: No caso de aves a gente tenta manter, por exemplo, separar por regiões do pantanal ou regiões do cerrado, regiões da amazônia que são bem menos que agente consegue receber. É no caso as categorias de aves agente separa assim e o acervo de esqueletos, o acervo de

taxidermias, o acervo de no caso de técnicas de anatomia que, por exemplo, inclui injeção de resinas. Então assim agente separa por essas categorias porque como eu te falei das aves a gente separa cerrado do pantanal, mas agente não consegue acervos muito distantes daqui a gente só tem basicamente o da nossa região mesmo. Então não dá pra fazer um diorama só de África, só de Australia isso é quase impossível pra gente pelo menos por enquanto.

Mônica: Então vocês separam as coleções mais por técnica?

César: Sim. É o que agente consegue. Por exemplo, eu consegui um gato ou eu consegui uma sucuri e aí eu aplico uma técnica específica nos dois então eu não vou mais me preocupar se essa sucuri veio do Pantanal ou se esse gato é doméstico, me preocupo mesmo é com a técnica e mostrar o que eu pude aplicar lá dentro né.

Mônica: O museu possui regimento interno próprio?

César: Olha, assim, se houve alguma formalização isso foi bem no início que hoje em dia pelo menos nunca me passaram nada. A preocupação mesmo agente não.. tipo regimento interno você fala de que de não se permitir certas coisas dentro do espaço?

Mônica: Eu falo das regras do próprio instituto ou se vocês seguem as regras de outra instituição a quem vocês estão vinculados?

César: Sabe que não que agente é bem autônomo e assim até as regras do professor de permitir que toquem nas peças e que possam levar emprestado, porque são nossas. A gente realmente tenta. A gente é bem independente nesse sentido. A gente não tem nada que possa estar acima da gente. Tanto que tem muita gente que pede emprestado e essa semana eu vou emprestar boa parte do acervo pra uma escola de ensino básico exatamente porque agente tem essa liberdade. Agente não tá preso a outra parte da UnB, entendeu? Tudo que agente produz é nosso e agente cuida com amor mas a gente pode ter essa liberdade.

Mônica: eu queria saber se pra cada área do museu tem um profissional específico?

Não. Os estagiários para produção de peças realmente tem, só que assim eu fico tentando , no caso eu tenho que reger os estagiários e tenho que também no caso eu estava gostando da

ideia de fazer o registro que isso agente perdeu também. No início do museu foi feito, iniciaram essa parte de fazer um registro e tudo mas depois se perdeu né com o tempo foi sendo feitas muitas peças e perdeu-se o interesse nisso.

Mônica: Isso já entraria na outra pergunta se vocês tem um sistema para catalogar ou não?

César: Pois é isso as primeiras peças tinham, inclusive dá pra ver uma etiqueta nelas com uma identificação, um código que eu mesmo nunca entendi o código porque nunca me explicaram como era.

Mônica: Mas não são vocês que fazem o tombamento?

César: Não. No caso assim até hoje não foi feito mais isso, pelo menos parou-se nesse tempo. Mas como vocês tem um controle das peças que entram e que saem? Pois é isso é um pouco triste porque essa é a questão, foi por isso que eu gostei da ideia de vocês, porque nós só temos a minha memória e a memória do professor Eduardo que rege tudo isso porque agente lembra ah tem aquela peça que tá lá guardada. É o que agente viveu esses anos todos aqui no museu então assim eu acho que vale muito a pena ter um código mas agente ainda não aplicou isso. Outra coisa nossa produção, o recebimento de peças nunca é algo pronto agente quase nossa vamos dizer que é zero mesmo se for colocar em porcentagem é zero mesmo agente receber peças prontas. No caso agente não recebe peças de outra coleção agente sempre fabrica então por isso eu acho que é essa a questão agente fabrica e acaba não tombando, não colocando nenhum tipo de código. Porque até o convenio, a falta de convenio é na verdade a falta de bicho morto pra cá. Mas eu acho que é sim

APÊNDICE C – MUSEU DE GEOCIÊNCIAS

Degração de Entrevista

Entrevista 3

Entrevistador (a): Mônica Fumiko Imai

Ocupação: Estudante

Local: Instituto Central de Ciências, Ala Sul – Museu de Geociências - UnB

Entrevistado (a): Juliana P. Sales Caetano

Ocupação: Estagiária do Museu de Geociências – UnB

Data: 13/05/2016

Hora: 14h 45 min

Duração: 48 min 24 seg

Monica: Será que a gente poderia começar pelo histórico das coleções?

Juliana: Esse museu aqui na verdade era um depósito de amostras. Antigamente, os professores, estudantes, eles tinham, e até hoje tem, essa atividade de ir e colher amostras de campo, mas eles não tinham lugar pra guardar as amostras coletadas. E às vezes, não querem se desfazer pela importância ou valor da amostra. Então para fins didáticos, enfim, pra pesquisa, você guardava aquelas amostras, no caso, neste antigo depósito que hoje é o museu. O que acontece é que em 1967, o IG recebe a doação de muitas amostras da École des Mines de Paris. E em 1971 é encontrado o meteorito de Sancrêlândia, coletado durante um trabalho de campo em Goiás. Que foi um dos grandes motivos para transformar este depósito em museu. Exatamente por toda essa raridade dele, decidem que é realmente muito importante que se crie um museu, pra exposição, pra expor. E aí pelo o que eu sei as amostras que foram coletadas do depósito, elas começam a virar acervo. Então, até onde eu tenho conhecimento, é difícil ter essa linha do que antes era amostra de campo e o que era acervo. Mas acredito que não tem um “quando” se elas foram paulatinamente adentrando o museu. Então essas amostras, na sua maioria vieram das doações principalmente de professores. Depois disso, houve a doação do Museu de Gemas, em 2008 por aí. Fora isso, que eu saiba tem a apreensão da Polícia Federal de ametistas e citrinos. Onde a polícia federal apreendeu e doou pro museu essas amostras.

Monica: Então esse acervo ele está documentado?

Juliana: Sim ele está documentado. Na verdade, nestes últimos meses houve uma maior preocupação, principalmente minha e da servidora, com relação a essa documentação, não só do acervo, mas também da documentação institucional. Onde se descobriu que na verdade, a antiga gestão realizou muitos projetos de educativo, pesquisa de público, projetos de cursos com professores e muitas outras coisas. Na verdade quando cheguei aqui não tinha ideia de que essa documentação existia. Então no momento estamos num período de revitalização dessa documentação. Estamos também buscando uma melhoria e atualização do sistema utilizado para catalogar o acervo.

Mônica: O museu tem regimento interno?

Juliana: Na verdade, o regimento interno do Instituto versa sobre o regimento interno do museu. Por exemplo: tem que ser tal a missão do museu. Então, eu vejo que o museu é às vezes mais submetido ao IG do que diretamente à universidade. Onde o Regimento interno dele é vinculado ao Instituto. Na verdade o próprio instituto montou o regimento interno dele, abordando coisas como missão, tempo de gestão, etc. Por exemplo, o instituto é quem decide quem será o gestor.

Monica: Então as coleções seriam?

Juliana: Essa de gemas é uma coleção, mas não chegam a ocupar tanto espaço em comparação como as outras amostras doadas por professores, por exemplo. Então as outras amostras que foram doadas por professores, elas foram muito mais do que o do museu de gemas e da Polícia Federal juntos. Tem duas reservas na verdade. A reserva número 1 são, como eu posso dizer, para amostras que são mesmo do museu. São registradas, tombadas, catalogadas. A reserva número dois, eu vejo mais como uma reserva de um acervo que não é tão nosso, mas é nosso. Vou te explicar o porquê. Dentro da reserva número dois você tem um material didático, que são amostras que são do museu, mas são utilizadas para atividades didáticas aqui. Então se eu tenho um curso que eu faça na semana universitária, se tem algumas coisas, eu utilizo, não do acervo, mas eu utilizo dessas amostras que tem fins didáticos. Fora isso tem a apreensão da Polícia Federal na reserva 2, e tem também outras

doações de professores que doaram mas não doaram, meio que deixaram na nossa guarda, além de uns aparelhos e instrumentos de campo que estão sob a guarda do museu. Então, não chega a ser igual a outra reserva. Então a reserva número 1 tá mais definida nesse sentido.

Mônica: Vocês não tem política de aquisição, não é? Quais os critérios pra compor esse acervo?

Juliana: Eu olho a documentação e vejo que eles criaram na antiga gestão a política de aquisição, os procedimentos para adquirir e descartar, essas coisas, mas que agora não é utilizado. O que tem acontecido, pelo menos agora, é que a aquisição tem sido decidida principalmente pelo diretor do museu, se ele vai adquirir ou descartar. Geralmente, se tem muita amostra daquele tipo de peças, e tal, o museu não vai pegar mais daquela peça. A não ser que tenha alguma raridade, ou algo do tipo, sabe? Ainda mais que Geologia é complicado de você...Eles realmente pensam que se você tem tal amostra eu não preciso adquirir e tal. Então ultimamente tem funcionado assim nesse sentido, não tem política de aquisição e descarte.

Mônica: Então, além de não haver política de aquisição também não existe a de descarte?

Juliana: Não, mas desde que eu cheguei nada foi descartado, e já vai fazer quase dois anos. Então eles não veem com facilidade essa questão do descarte, mas de aquisição acontece raramente também, não é muito não. Se tiver amostras muito repetidas assim, vai pra um didático, por exemplo. Nesse mês ele fez caixas em que ele cedesse algumas peças e tal, para que emprestasse pra escolas, essas coisas, pra auxiliar no ensino, como se fosse um empréstimo e os professores dão as aulas e devolvem depois da aula deles, pra ajudar. Mas é mais ou menos nesse sentido que acontece.

Monica: Como é o organograma do museu?

Juliana: O organograma de gestão aqui é assim: tem o “diretor”, dois servidores e cinco estagiários, dois de Geologia, dois de Geofísica, e eu, e acaba aí. Então não tem essa nossa visão de um profissional específico responsável por cada setor do museu, todos fazem de

tudo. Às vezes uma pessoa pode até estar mais a frente de algum local do que outras, mas não têm essa delimitação, com exceção dos servidores. É complicado sem os profissionais da área, como por exemplo, bibliotecários, arquivistas, conservadores, museólogos para nos orientar. O ideal, para mim, seria que você tivesse mais funcionários especializados, e cada um ficasse responsável por um setor.

Mônica: Há uma previsão para a contratação de museólogo, para que seja feito o plano museológico. Existe uma preocupação quanto a isso?

Juliana: Eu acho difícil. Pelo menos o que eu observo. Realmente seria essencial a presença de um museólogo mesmo na instituição. Porque como estagiários nossa opinião não é levada a sério, na sua maioria das vezes.

Monica: Então, pra você, quais as implicações para a gestão do museu em estar ligado à universidade?

Juliana: Eu acho que a universidade implica principalmente no sentido financeiro. O museu depende muito da UnB nesse sentido. Então, tem coisas que eu não acho certo. Por exemplo, quando o museu necessita muito de determinados objetos e materiais, principalmente de conservação, mas ao invés de comprarem o que o museu necessita comprem coisas que dava para manter por mais tempo, como objetos de escritório. Ao mesmo tempo é bom porque você tem serviços de limpeza, segurança, servidores, professores... Os professores fazem parte da Associação de amigos. Então a universidade tá totalmente ligada a esse museu, querendo ou não, mas para mim tem seus prós e contras.

Monica: Então o que você colocaria assim, no caso desse museu, bem específico que você acharia ideal para o modelo de gestão?

Juliana: Para começar eu acho que deveria ter um museólogo, e tem que ter parceria com a Museologia e a Geologia. Porque a visão que eu tenho da Geologia aqui é que em muitos casos falta uma vontade de se entender isso aqui como museu. Eles trabalham com amostras de rochas, minerais, o tempo todo, no cotidiano deles. Então diferenciar esse tipo de peça, de acervo museológico...Você não faz ideia o quanto é difícil explicar que aquilo dali é acervo e aquilo lá é outra coisa. Então, fora isso, você explicar também que o que eu acho difícil aqui é

que o instituto vê o museu como sendo somente para os alunos de Geologia, Geofísica, ele não vê como uma coisa que tem que ser cedida pra toda a universidade. Então você vai observar ali naquela exposição que você vai ter uma linguagem mais científica. Então a visão que eu, às vezes, tenho daqui é que eu tenho que me preocupar com esse tipo de coisa, tipo documentação. Porque a gestão não se mobiliza pra esse tipo de coisa, dificilmente se mobiliza, vê valor. Eles prezam por uma exposição que apresente uma linguagem que seja boa para o pessoal da área, Só que ao mesmo tempo, você tem visitas guiadas pra crianças, nessas visitas guiadas eles aprimoram mais a linguagem, explicam um pouco mais, mas mesmo assim ao mesmo tempo você recebe esse tipo de público.

Mônica: Então seriam essas as dificuldades em relação à gestão, né?

Juliana: Sim, pelo menos para mim estagiária de museologia. Essa questão de olhar o acervo com olhar museológico e a questão do público.

Mônica: Eu vi que na exposição tem uns objetos soltos, vitrines sem informação...

Juliana: Você pode notar que desde o ano passado até hoje, essas exposições mudaram drasticamente, porque o chefe do museu tem essa coisa, ele tem essa vontade de até a gestão dele terminar essas exposições. Então se preocupa muito mais, em focar as atividades nesse sentido. Em contrapartida, quando eu vejo a antiga gestão, eu vejo um monte de projetos, eu vejo projetos de educativo, pesquisa de público, extensão, projetos de cursos pra professores, muita coisa, que seria muito bacana de também ser implementada. Na verdade, eu acho que não houve esse tempo, e aí a atual gestão busca correr atrás disso, mostrar que o museu está em atividade.

Mônica: Será que teria algum documento que apresente essa parte quantitativa das coleções?

Juliana: A documentação do próprio museu. Pra catalogar todas as amostras, o que acontece; eles guardam o acervo numa lista no Excell. Nesse Excell vai ter assim: número de tombamento, tipo de amostra, descrição da amostra, peso, altura, tal, esses dados dela.

Mônica: O tombamento quem faz?

Juliana: É a gente, o museu. Na verdade essa responsabilidade fica com os estagiários, geralmente os de Geologia, pela questão de descrição e classificação das amostras e dados específicos dessas amostras no sistema.

Mônica: Sobre a divulgação do acervo, vocês fazem? Como é feita?

Juliana: Isso mudou tem um tempo. Na verdade, quando eu entrei eles tinham feito folders, essas coisas, da exposição, principalmente depois que adquiriu do Museu de Gemas, onde eles criaram os folders falando desse novo acervo e tal, que ainda era da antiga gestão, na verdade você ainda vai encontrar aqui esses folders da antiga gestão. Depois disso, nessa gestão, essa vontade de comunicação começou agora. Na verdade eles estavam pensando assim, eu faço a comunicação só depois que montar a exposição. Ele começou a montar agora um site do museu e aí tá colocando vídeos. O museu coloca vídeos, um resuminho do que é cada acervo, qual é o objetivo, coloca assim em geral, como é cada setor, como é a sala de estudos, o horário e tal, então ele tá começando a comunicar pelo site. Isso tá acontecendo agora. Então eu to montando esses vídeos agora pra fazer essa divulgação.

Mônica: A instituição tem parcerias dentro e fora da universidade? Quais seriam e como funciona?

Juliana: Ele tem a Associação de Amigos do Museu de Geociências, composto pelos professores do IG. Parceria, tipo patrocínio, esse tipo de coisa ele não tem. Ele só tem o próprio instituto e algumas vezes os professores que chegam a ajudar o museu de alguma forma.

Mônica: A instituição possui parceria com outras para realizar suas atividades internas?

Juliana: Eles participam de algumas atividades: Semana de Museus, Semana Universitária, Semana de Ciência e Tecnologia.

Mônica: E o quantitativo das coleções você falou que está na documentação...

Juliana: É um sistema, uma base de dados. Então você vai ver... só os dados de cada quantidade de amostras. É muito grande. Porque eles dividem a base em Paleontológico, Didático, Mineralógico, então você tem essas divisões e essas divisões de que são mesmo. Então você tem essas listas dentro do acervo, mas você vai ter em torno de umas 5000 a 6000 amostras.

Mônica: Em relação ao ensino, pesquisa e extensão, as atividades que vocês realizam quanto a isso?

Juliana: Ensino eu diria que tá ligado mais a essa aproximação com a graduação de Geologia e Geofísica, e também com escolas de todos os níveis, como fundamental, médio... Muitas vezes os professores trazem os alunos aqui, pedem pra fazer visitas guiadas. Então ele tem um tipo de aproximação sim. Às vezes acontecem cursos. A pesquisa eu vejo quando muitos professores pedem algumas amostras pra realizar a pesquisa deles. Então ele pede aquela amostra ao museu e o museu empresta. E a extensão é mais nesse sentido dessas atividades que ocorrem nessas Semanas: Semana de Ciência e Tecnologia, Semana Universitária, que o museu tira pra fazer alguma coisa fora.

Mônica: E em relação a pesquisa, ela seria feita mais pelo pessoal do Instituto de Geociências?

Juliana: Sim. Geralmente é só o pessoal do instituto. Houve umas monografias e relatórios de estágio supervisionado de Museologia nesses últimos anos, nós guardamos estes relatórios e monografias.

APÊNDICE D – MUSEU DE ANATOMIA HUMANA

Degração de Entrevista

Entrevista 4

Entrevistador (a): Mônica Fumiko Imai

Local: Secretaria do Museu de Anatomia Humana - Faculdade de Medicina da UnB

Entrevistado (a): Jussara Rocha Ferreira

Ocupação: coordenadora do Museu de Anatomia Humana da UnB – MAH/ UnB

Data: 19/05/2016

Hora: 14h 57 min

Duração: 1 h 01 min 17 seg

Monica: Nós poderíamos começar pelo histórico?

Jussara: Na verdade esse museu hoje ele é um projeto específico da Faculdade de Medicina. Essa coleção começou junto com a criação da área de saúde e era lá no ICC sul ainda, e naturalmente como essa era a primeira instituição da cidade que era inventada isso foi se construindo. Tinha uma característica interessante aqui, que os objetos do que hoje representa a coleção do museu, que ele é caracterizado como museu de anatomia é onde você tinha ensino de anatomia na cidade, e as coisas vinham sendo criadas para os especialistas que estavam aqui que eram todos médicos.

Jussara: A anatomia funcionava no ICC originalmente, depois ela veio pra Faculdade Ciências da Saúde e mais nos últimos 15 anos. A Faculdade de Saúde se separou da Faculdade de Medicina, e a área de Anatomia enquanto especialidade ficou para a Faculdade de Medicina, mas o museu ele começa a se construir a gente não tem registro disso, só memória oral, ele começa a ser construído a partir do início da universidade. Conforme funcionários, essa coleção tem mais de 40 anos, então ela foi sendo construída, participando o ICC, a faculdade de Ciências da Saúde e atualmente essa coleção está na Faculdade de Medicina, mas com esse nome de museu... Isso é muito comum tradicional na anatomia, né... Você vai juntando peças que os professores consideram que aquilo é importante, uma dissecação mais demorada, uma malformação, você vai construindo isso historicamente e isso vai construindo um museuzinho. Essa coleção de peças anatômicas tem cerca de 40 anos. Como projeto de

extensão contínua, isso começou no início desse século com a professora Ana Lúcia, que é uma médica aqui ela é uma professora da Histologia e ela começou como projeto de ação contínua. Agora, como projeto de extensão de atendimento, e aí eu diria pelo menos a gente definiu que isso não era extensão, mas assistencialismo. Desde sempre essa instituição prestou serviço à comunidade; escolas de ensino fundamental e médio. Sempre teve esse atendimento público, simplesmente porque a UnB era a instituição que agregava, o que significa dizer que a universidade sempre foi aberta. Nesses últimos anos que a professora Ana Lúcia passou a coordenar, aí sim ela cria um PEAC mais antigo daqui, que chama: “Museu de Anatomia Humana e a Interação com a Sociedade”. Isso funciona há muitos anos nessa formatação, e aí ela inseriu o museu no IBRAM. Ele foi cadastrado, fazendo parte do circuito turístico da cidade de Brasília com esse nome. Agora do ponto de personalidade jurídica os museus da UnB não tem, eles são coleções universitárias que prestam serviços à comunidade, dentro de projetos de extensão, e também as coleções não tinham tratamento de coleção. Acredito que o que a gente tá tentando fazer ainda está distante do ideal. Porque não tem arquivista, não tem museólogo, porque é difícil dentro da universidade, essas conquistas são difíceis, embora as universidades tenham.

Jussara: A professora Ana Lúcia já havia feito um tombamento, acho que era um registro que eram 446 objetos. Quando a gente fala em objetos, a gente tá falando de objetos oriundos de corpos humanos, hoje deve tá perto de 1100. Hoje isso tá tudo tá tudo fotografado, catalogado. O arquivo foi gerenciado nos últimos dois anos e nós estamos construindo um repositório institucional e estamos trabalhando juntamente com o pessoal da FCI.

Jussara: O que falta pra gente é o recurso humano. Nem todo mundo dá conta de trabalhar com esse tipo de coleção que não seja especificamente pessoa da área da saúde, então tem vários complicadores. Eu acho que agora a gente tá num ponto que tudo que nos temos está identificado, a gente tem espaços que eu acredito que a gente consiga consolidar, a despeito das mudanças ocorridas na universidade. Tem um trabalho prestado a comunidade que eu também acho que a universidade respeita isso. Todas essas coisas. Agora nós vamos entrar nessa, o governo de Distrito Federal fez um curso pros espaços de divulgação científica. Nós fizemos esse curso, eu e a professora que era coordenadora, e o rapaz que era nosso funcionário aqui administrativo que era terceirizado e que saiu. Eles não repuseram por causa dos cortes e nós agora fazemos parte desse grupo do Distrito Federal, nós estamos lá.

Monica: Vocês fazem parte do Projeto “Rede de Museus”?

Jussara: Sim. Eu estava lá no dia da instalação daquilo. Nós tivemos duas reuniões sobre aquilo no DEX. É um programa pra integrar os museus, criar uma política, proposto pelo pessoal da Museologia e ano passado isso desacelerou.

Jussara: As coleções da UnB precisam ser vistas com mais seriedade pelos gestores. Eu acho isso. A gente precisa dar um cunho de cientificidade, então eu peguei pra coordenar o museu, fiz uma exposição do ano passado. Ela tem todo um levantamento de literatura que provavelmente nós vamos publicar um livro ou um capítulo de livro junto com outros dois professores. Um é do Rio de Janeiro, o outro é de uma universidade portuguesa e nós fizemos uma publicação na Revista de Extensão. Eu agora to preparando essa coleção, essa exposição que é pra semana de museus que daí ela fica um ano e formata alguma parte. A gente funciona com três olhares, primeiro, o projeto da professora Ana Lúcia que é um projeto de extensão de ação contínua. A chamada dos museus que é a Primavera de Museus e a Semana de Museus. A gente trabalha um tema e esse outro espaço é um museu virtual, aonde a gente produz vídeos, pequenas informações e daí a gente tem um kit de extensão pra empréstimo pros colégios e eles levam como material didático pras suas feiras de ciências. A última sala é diferente, é uma sala de reflexão, sobre a ética da utilização do cadáver, e o porquê, né? É um espaço pra mostrar a importância de usar material biológico, para que usar corpos humanos pra ensinar profissional de saúde. Mas essa sala maior fazia mais de dez anos que se pedia para arrumar essa sala e olha que não tinha quase nada de reforma pra fazer. Pra você ver que isso não é prioridade de utilização de recursos na universidade, e isso não precisava nem de recursos externos. Isso aqui seria um pequeno reparo que a própria prefeitura poderia arrumar. Isso é uma luta, e tem que deixar de ser.

Mônica: Isso entraria como dificuldade de gestão?

Jussara: Sim. A dificuldade de gestão ela é dinheiro? Não. É porque eu diria que esse museu que atende de 80 a 100 mil pessoas fisicamente 120 mil pessoas no museu virtual são 200 mil pessoas por ano, é pouco? O problema não é dinheiro. O problema são os gestores públicos que não entendem que se eles dessem 6 mil ou 10 mil reais por ano dava pra tocar o museu, entendeu? Só isso.

Monica: A parte burocrática né?

Jussara: É...Eu não sei se é isso, né? Agora, você não tem funcionário do quadro administrativo. É complicado. Quem é que apóia os projetos? Esse é o ponto. Ah, tudo que funciona aqui é projeto de extensão, então o problema é do DEX? Mas ele nasce na unidade acadêmica, então a gente tem aqui dentro da Faculdade de Medicina 3000 reais a partir do ano passado. Ano passado eu não consegui executar nenhum centavo, e eu sou trabalhadeira. Porque é tão complicado usar o dinheiro, que não dá pra usar nada! Porque você tem que comprar tudo dentro daquela tabela de preço que eles têm, que nada que a gente vai fazer... Aí eu preciso de cola, de tesoura, papel, refeição pra um menino, e aquilo é tão amarrado, entendeu? Não tem como executar ou nós não aprendemos ainda. Então eu posso dizer que como gestor público eu posso tirar zero, porque eu executei zero. E como eu sobrevivi? Tirei dinheiro do bolso pra montar tudo que eu precisava. Mas isso é errado, pois isso é competência da própria universidade. Agora, eu tenho tempo pra fazer tudo? fazer pesquisa, orientar os bolsistas, orientar o atendimento a público, entendeu? Nós somos três professoras que olhamos pra isso aqui

Monica: Então a senhora seria a responsável e teriam só estagiários pra fazer tudo aqui?

Jussara: Só. Nós temos bolsistas PIBEX, e eu tenho dois estagiários, e o resto, a maioria é voluntária. Quase que a totalidade dos estudantes são extensionistas voluntários. A gente sempre tem um número grande, sempre em torno de 30, 40. E você tem que administrar todo esse pessoal, porque a grade deles é muito picada e isso dá um trabalho administrativo pra gente. E graças a essas cabecinhas preciosas e o trabalhinho de cada um! Porque quem limpa vitrine, você viu? Somos nós. Se sujar o chão é a funcionária que limpa e o resto é tudo a gente. Quem controla todo o estoque? A curadoria da exposição, quem faz isso? Somos nós, e como é que não tem nada na administração. Isso que é complicado. Então tem que profissionalizar. Eu já pedi museólogo, já pedi arquivista. Então, de uma certa forma, a administração é empírica. Se ela não é institucionalizada ela é empírica, porque se um morrer acaba a guerra. É muito grave. A universidade tem competência pra fazer diferente, tá cheio de gente boa. Falta avançar nessa política. Eu sou extremamente esperançosa porque agora a gente tem curso de Museologia e acredito que isso vai ajudar muito. E tanto que a ajuda que eu tenho tido aqui. Toda a orientação eu tenho buscado com o pessoal da Museologia, e isso vai fazer toda a diferença.

Jussara: Eu cadastro tudo que a gente faz no CIEPs e eles vão tendo uma diplomação, porque eu acho criminoso o aluno passar por aqui e não ter nenhum registro do que ele fez aqui. É um absurdo isso. Agora, eu tenho tempo de ficar preenchendo uma plataforma o tempo inteiro? Eu não dou conta de fazer isso. Nós temos que ter um funcionário administrativo que faça. Tem que ter uma infraestrutura e por isso que eu acho que a gente tem que avançar com isso dentro da própria universidade. Eu sou otimista com isso, acho que a gente já melhorou muito.

Monica: Então qual seria o melhor modelo de gestão de coleções?

Jussara: Precisa ter um modelo de gestão de coleções dentro da universidade. Como fazer isso? Definir uma política institucional, ter uma política. Tem que definir pra que o mundo saiba o que a gente tem.

Jussara: Como é que o pesquisador, o dono do projeto faz tudo? Tem que ter uma política institucional. Falta isso, e pronto e acabou. Tem que partir pra isso sem política institucional porque a coleção é da Universidade de Brasília agora não pode ser uma política. Você tem que delinear algum delineamento pra gente seguir. Como é que eu fiz pra registrar isso aí? Eu fiz porque eu faço busca literária. Todo mundo sabe disso, uma coleção de anatomia é diferente de uma coleção de botânica que é diferente de uma coleção de arqueologia e geologia. É diferente. Mas vocês têm alguns elementos que são comuns nos termos de uma política. Nós temos que ter uma política institucional.

Monica: Nesse sentido entraria a política de aquisição e descarte, não?

Jussara: Ah, é uma coisa que a gente tem que sentar. E isso é difícil? Não, eu acho que não é. Difícil é ter a coleção, construir um projeto que atende comunidade há 40 anos e a comunidade não desistiu dele. Portanto, ele tem um valor pra comunidade. O que eu digo é o seguinte: nada é descartado. A pessoa decide que ela vai usar aquele espaço do museu pra outra coisa, e ela tira a coleção, não descartou nada. Nada é descartado então. Pois o que é objeto oriundo de corpo humano não pode ser descartado. Caso contrário dá cadeia, e é normatizado pelo código penal. Agora, daí, se você pegar aquilo e botar no porão pode também se não tiver política institucional. A política tem que ser institucional, você tem que justificar porque é que você desativou. Você desativou um projeto ou parte de um projeto que

funciona e que presta serviço à comunidade, sem justificar nada e não pode. Mas acontece, porque você não tem política institucional, você não tem curadoria . Isso não pode acontecer, mas acontece, porque não tem política institucional não tem curadoria. O curador é o responsável por aquilo. Então tem que ter coragem, as coleções tem que ter curadores dentro da instituição. Se não tiver um museólogo pra ser curador tem que ter qualquer pessoa pra ser curador. Pra essa pessoa poder se posicionar institucionalmente, tem que ser político. Aonde é que talvez tudo que se perca é por causa disso, por falta de política entendeu?

Mônica: Quais são os critérios utilizados para compor o acervo?

Jussara: Você vai construindo né, você recebe, por exemplo, um feto com uma anomalia congênita. Ele é um único, você guarda, ele é importante para o ensino, ele é importante para a pesquisa futura. Você prepara uma peça com o objetivo. Eu vou preparar com esse objetivo aí, e aquilo se presta a várias atividades. Então primeiro objetivo ele é sempre ensino ou pesquisa. Você vai fazer um trabalho de pesquisa com aquele objeto fica bonito, né. No nosso conceito é bom pra expor, você guarda e assim que funciona na anatomia. Sempre funciona, ele é pensado de qual a finalidade que ele vai ser utilizado. Hoje eu tava mexendo nisso, numa peça que era muito característica de sistema cardiorrespiratório. Eu e o técnico arrumamos essa peça, especificamente para vir para o museu, para a exposição. Porque ela é didática, ela se presta aquilo, então o objetivo é sempre ensinar, educação informal e educação formal, mas o objetivo depois que você organiza tudo pode ser a pesquisa. Agora eu organizei as coleções, a coleção de teratologia e com objetivo de pesquisa. To com um grupo trabalhando em pesquisa nessa coleção. À medida que isso tá cadastrado, catalogado, tudo documentado, aí fica fácil de fazer a pesquisa.

Mônica: Então não tem nenhum objeto aqui que não esteja documentado?

Jussara: Não, não tem.

Monica: E sempre tem uma atualização?

Jussara: Se você mexer no objeto tem. Por exemplo, às vezes eu preparo a peça e depois, digamos assim, depois ela estraga. Aí eu tenho o restauro ou preparo outro plano nela. Tem que fotografar de novo, ela mantém o número de registro e só vão as anotações, aí isso é tudo

documentado. Por exemplo, então hoje eu terminei de trocar, então a partir desse ano eu vou anotar qual é a peça que está em exposição. Pra que no futuro eu tenho essa peça esteve em exposição tal ano.

Monica: Vocês sempre fazem uma análise do estado de conservação das peças?

Jussara: Sim, sempre. Semanalmente dos bolsistas passam pela coleção física, porque quase tudo é guardado em solução conservadora. A maioria é coisa delicada, né. E aqui tem uma coisa de variação climática, a gente teria que ter um local que não tivesse variação climática. Não tem nenhum controle, por isso que você tem problema de iluminação de ventilação, de temperatura. É um problema, entende?

Monica: No próprio laboratório de anatomia que é feita a parte de conservação e restauração das peças?

Jussara: Na verdade quem faz isso é sempre o professor, a maioria dos serviços é feito por professor. O técnico ajuda e tal, mas isso não funciona ainda. A gente tem um técnico que fez muita coisa, os outros técnicos não dão conta de fazer, não é tão simples, entende? O técnico tem que saber lidar com isso. E a parte administrativa, de catalogação, essas coisas, a gente não tem gente pra fazer.

Monica: A Senhora mesmo que faria?

Jussara: Eu a professora Ana Lúcia fizemos uma parte depois teve outra professora que nos ajudou muito. Nós acabamos de fazer toda a parte de gerencial. Agora, coleção, os extensionistas olham. A gente tem um cronograma, eles fazem isso semanalmente.

Jussara: Mas a gente consegue o nível de organização que muito pouca gente consegue. Eu diria que o museu de anatomia aqui no Brasil pode ter algum igual o nosso. Melhor não tem. Uma coleção com essa característica, com a quantidade de recurso que você recebe, com esse nível de apoio institucional que nós recebemos aqui.

Jussara: Uma exposição na semana de museu agora, o tema é “Paisagens Culturais”. Dentro disso, como nós vamos nos colocar, e dizer uma coisa, que cada objeto que eu olho de um corpo é objeto cultural, ele leva uma paisagem cultural. Então, eu peguei essas imagens de um artista Goiano. Ele chamava atenção para os estragos, para as ações antrópicas que fazemos no Cerrado aquelas paisagens lá no cerrado são olhares. Ele fotografou aquilo como se os objetos que foram resultados da ação humana estão olhando então eu comecei dizendo aquilo: como você adquire esta informação pelo mundo? Pelo olhar, e aí eu trago o olhar, e aí eu te convido a olhar, e você precisa ouvir o que estão dizendo, o que estão fazendo com a natureza, e aí então eu chamei aquilo de momentos. Naquele momento que ele capturou aquelas imagens, ele capturou com a mão e com o cérebro, e aí eu trouxe essa figura desse quadro da Capela Cistina. E tem uma mão de um anatomista, que diz que a mão é o espelho do cérebro, que é pra trazer uma reflexão sobre as paisagens culturais. Então eu trago dois corpos de crianças, e ali tem um livro infantil que fala que não é possível construir um ser humano com parafuso, prego, martelo. Você precisa de outras coisas, precisa do DNA. E aí eu trago pra reflexão, corpos estragados: ossos com deformidades, um rim teratológico. Pra também lamentar como ele, a destruição esses corpos. São os corpos captados aqui em Brasília, que fazem parte da sua coleção. Porque eles eram tão estragados? Por que não eram da classe dominante, eram de indigentes ou de pessoas à margem da sociedade, cujos corpos foram usados como máquinas de trabalho. É pra pessoa refletir sobre isso, e aí você vai lamentar o que se faz com a vida. É mais ou menos isso essa reflexão. E isso é o que os meninos buscam na literatura e vão recortando, e nós vamos montando tudo. Agora o ano passado eu montei uma exposição que a gente publicou em cima dela. Saiu um artigo científico, e a intenção agora é fazer sempre isso. A própria coleção e os objetos que estejam expostos sejam uma reflexão e você produza também um artigo. Pode ser um artigo de revisão, pode ser um artigo de opinião, pode ser um artigo científico, mas ele produz conhecimento. Então, não falta oportunidade de fazer pesquisa, falta pesquisador. Pesquisa você pode fazer o tempo inteiro.

Monica: A senhora já apontou sobre os aspectos negativos de ser um museu ligado à universidade, mas os aspectos positivos a senhora pontaria quais aspectos?

Jussara: É de você ter monte de jovens ávidos por aprender e você ter projetos que as pessoas possam efetivamente trabalhar, mudar o mundo pra melhor. Essa é a vantagem de estar no

espaço universitário, considerando que a gente pode propor ideias, não acreditando em crise, mas acreditar na esperança. Porque não existe crise sem esperança. É isso o espaço universitário, e que todos que entram aqui sonhando. Então eu acho que os pesquisadores estão muito cansados. São muito poucos os problemas que a gente tem. São muito pequenos. Nós, enquanto comunidade Universitária, somos muito maiores do que todos esses problemas. Qual a nossa capacidade de amar, evoluir, sentir? Está na universidade. É uma coisa maravilhosa, um potencial muito grande, um potencial que é imaterial, entende? Porque tudo que você faz aqui a gente precisa entender que eu não tô aqui só pra produzir ciência e tecnologia. O mais importante de estar aqui é produzir Cultura porque o que é a ciência quando eu falo: Doutor, que eu fiz? eu ensinei o sujeito a pesquisar e o que eu usei pra isso? a cultura de tudo que eu tenho noção de Cultura. Então espaço Universitário é isso. E por que nós temos dificuldade então de avançar? isso é uma visão do mundo muito pequena que a gente tem, ainda muito estreita, como se nós não pudéssemos.

APÊNDICE E - INSTITUIÇÃO: CASA DA CULTURA DA AMÉRICA LATINA

Tipologia do Acervo: Antropologia e Etnografia; Artes Visuais.

Observação: O acervo está dividido em coleções de acordo com a tipologia.

Acervo de arte

COLEÇÃO	PEÇAS
Coleção CAL	509
Fundo Documental Stella Maris	293 obras da artista e 199 obras coletivas
Coleção Marília Rodrigues	421 obras da artista e 221 outros artistas 53 sem identificação e 33 correspondências

Coleções etnográficas

COLEÇÃO	PEÇAS
Coleção Galvão	347 peças
Coleção CNRC	315 peças
Coleção Chocó	163 peças
Coleção Inicial	219 peças

APÊNDICE F - INSTITUIÇÃO: MUSEU DE ANATOMIA VETERINÁRIA

Tipologia do acervo: Ciências Naturais e História Natural

Observação: As coleções são divididas de acordo com a técnica de preparo das peças

COLEÇÃO	PEÇAS
Taxidermia	90 peças
Técnica de corrosão por ácido	12 peças
.	
Peças glicerinadas	55 peças
Técnica de incrustação	10 peças
Modelos em resina	35 peças
Diafanização	1 peça
Esqueletos	397 peças
Peças em reserva	30 peças
Emprestadas	Não há no momento
Total (absoluto)	600 peças

APÊNDICE G - INSTITUIÇÃO: MUSEU DE ANATOMIA HUMANA

O acervo está dividido por tipologia

As coleções de objetos oriundos de corpos humanos estão divididas segundo as técnicas de dissecação

COLEÇÃO	PEÇAS
Coleção de objetos iconográficos biológicos (fetos e embriões, ossos, peças anatômicas)	1033
Coleção de Fotografias do traité complet d'anatomie de l'homme	186 fotografias
Coleção de Gravuras da História dos Medicamentos contada pela propaganda e seus anúncios	376 documentos impressos
Coleção de Fotografias digitais do acervo (físico, biológico, peças anatômicas e impressões digitais de obras raras)	4000 imagens
Material expográfico	80 painéis com conteúdo científico

APÊNDICE H- INSTITUIÇÃO: MUSEU DE GEOCIÊNCIAS

Tipologia do acervo: Ciências Naturais e História Natural

Observação: As coleções são divididas de acordo com a localização das peças na exposição permanente e na reserva técnica.

Localização	PEÇAS
Cotidiano	31 peças
Propriedades Físicas	49 peças
.	
Gemas	155 peças
Mesas	4 peças
Caverna	17 peças
Meteorito	37 peças
Classificação Sistemática dos Minerais	188 peças
Fósseis – Ciclo da Vida	33 peças
Destaques da Mineralogia	16 peças
Ciclo das Rochas	184 peças
Peças em reserva (aproximado)	5000 peças
Emprestadas	Não há no momento
Total (aproximado)	6080 peças